



Maio - Junho de 2002

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



O CULTO ACEITÁVEL



JAMES A. GRESS

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

Abra o coração a Deus

Muitas vezes nós agimos como se a confissão fosse nada mais que um rápido reconhecimento de nossa propensão ao pecado junto a uma padronizada apologia de afronta à santidade divina. Algumas vezes, somos induzidos pelo Espírito, ou por uma consciência culpada, a reparar fendas no relacionamento com o cônjuge, filhos ou colegas, mas nem sempre nos referimos a atos específicos de desobediência à vontade de Deus tal como revelada em Sua Lei.

Com o objetivo de nos preparar para a Ceia do Senhor, o Pastor Peter Bath escreveu e distribuiu em nossa igreja a seguinte sugestão confessional de pecados específicos contra Deus. Talvez você queira adaptá-la e usar como uma leitura responsiva, na próxima vez em que celebrar a Ceia.

“Misericordioso Deus, confessamos que temos pecado contra Ti em pensamentos, palavras e ações; pelo que temos feito ou deixado de fazer.

“Não Te temos amado com todo o nosso coração; nem temos amado nosso semelhante como a nós mesmos. Estamos verdadeiramente tristes e humildemente arrependidos.

“Confessamos que temos tomado outros deuses diante de Ti. Os deuses do poder, da riqueza e do orgulho têm tomado nosso tempo e energia, enquanto os cultuamos, tornando-nos indiferentes ao sofrimento alheio aqui e ao redor do mundo. Não temos amado ao faminto, ao sem-teto e ao órfão como deveríamos. Perdoa-nos, Senhor.

“Confessamos que temos esculpido imagens em nossa vida, as quais não falam do Teu amor e poder. Senhor, temos nos cercado com imagens do poderio e segurança materiais. Estamos mais preocupados com planos de aposentadoria e contas de poupança do que em viver por Tua graça. Confiamos no material e terreno; não em Teu amor e misericórdia. Perdoa-nos, Senhor.

“Confessamos haver tomado Teu santo nome em vão. Nossa vida nem sempre reflete Tua vontade ou Teu caráter. O foco dos nossos desejos não é a Tua glória, mas o nosso ego. Ostentamos o Teu nome, mas vivemos como se ele fosse apenas um apelido. Perdoa-nos, Senhor.

“Confessamos que não Te temos honrado como nosso

Criador, minimizando o significado do sábado. Agimos conforme nossas conveniências. Não raro, nosso estilo de vida é mais importante do que Teu louvor. Embora nos tenhas chamado para cuidar do estrangeiro dentro das nossas portas, confessamos nosso descuido pelos estrangeiros em nossa igreja, nosso lar, vizinhança ou cidade. Perdoa-nos, Senhor.

“Confessamos que nem sempre honramos a sábia paternidade a nós confiada. Pelo telefonema que não fizemos, a visita que não realizamos, o cartão que não enviamos, o abraço que esquecemos de dar, perdoa-nos, Senhor.

“Confessamos que temos magoado e angustiado pessoas. Senhor, temos matado aos poucos outras pessoas através de nossas palavras e atitudes; temos oprimido através da nossa ganância e indiferença para com suas necessidades; temos negado a vida em todo o seu potencial através da politicagem, do nosso egoísmo e do autocentrismo. Perdoa-nos, Senhor.

“Confessamos que não temos honrado nossos votos de fidelidade e espiritualidade em nossos relacionamentos. Nossos olhos errantes e desejos insatisfeitos controlam nossas paixões. Nossas afeições são desperdiçadas com o que é ilícito, para nossa vergonha e tristeza. Perdoa-nos, Senhor.

“Confessamos que temos tirado o que não é nosso. Pelo tempo roubado daqueles a quem amamos; pelo carinho negado ao cônjuge, filhos, pais, amigos e vizinhos; por não havermos dado a outros na mesma medida que recebemos de Ti, perdoa-nos, Senhor.

“Confessamos que damos falso testemunho através da nossa vida e nossas palavras. A evidência da nossa vida denuncia a luta de sermos testemunhas fiéis e consistentes do Teu poder e amor. Quão fácil é fugir do necessário; rejeitar a oportunidade para amar e servir. Perdoa-nos, Senhor.

“Confessamos que temos inveja e ciúme. O que nós queremos parece ser mais importante do que o que necessitamos, interrompendo o fluxo da Tua graça e Teus dons. Ajuda-nos a estar satisfeitos com o que Tu nos dás. Perdoa-nos, Senhor.

“Ó Senhor, ouve nossa confissão. Perdoa-nos, Senhor, porque temos pecado contra Ti. Por Teu Filho, Jesus Cristo, tem misericórdia de nós e perdoa tudo o que temos feito. Dá, Senhor, que possamos viver em novidade de vida oferecida por Jesus; que possamos servir-Te e agradar-Te, para honra e glória do Teu nome. Isso Te pedimos através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.”



**“Se confessarmos
nossos pecados,
Ele é fiel e justo
para nos perdoar.”**

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 73 - Número 03 - Mai./Jun. 2002
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Programadores Visuais: Jobson Santos

Alexandre G. Streicher

Colaboradores Especiais:

James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais; Wilmore Eva; Julia Norcott

Colaboradores:

Arlindo Guedes; Jair Garcia Góis;
José S. Ferreira; Mário Valente;
Montano Barros Neto; Roberto Pinto;
José Carlos Sánchez; Moisés Rivero;
Samuel Sandoval; Fidel Guevara

Capa: Montagem de Heber Pintos sobre fotos de: Erlo Köhler, William de Moraes e Daniel Oliveira

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento ao Cliente:

sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

Tiragem: 4.500 exemplares
5935/9519

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
CERTIFICADA PELA ISO 9002

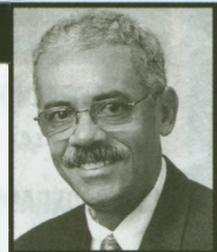
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

EDITORIAL



Adoração

Segundo V. C. Campbell, “a adoração é o coração da vida e da obra de uma igreja; constitui o principal recurso e a inspiração sob a qual se projeta todo o seu programa. Nela, Deus Se torna real e os valores de Seu reino passam a ser supremos. Por conseguinte, a qualidade da adoração influirá, mais que qualquer outra coisa, sobre o desenvolvimento e o ambiente espiritual da igreja”. Concluímos, portanto, que todas as funções da igreja devem girar em torno da adoração; caso contrário, se transformariam num mero formalismo sem poder ou significado.

Podemos dizer que adoração é relacionamento. Por seu intermédio o homem se liga ao Criador, unindo mediante laços estreitos o finito com o infinito. Esse relacionamento remove a escória que porventura exista na alma humana. Mas a adoração também é o reconhecimento de Deus como Criador e mantenedor de todas as coisas, e que a Ele todos os seres devem a existência. É o reconhecimento de nossa insignificância em comparação com a grandeza e majestade divinas. Nossa atitude natural na adoração deve ser a de humilde reconhecimento.

Companheirismo é outra faceta da adoração. Um companheirismo no sentido de comunhão amistosa do homem com Deus e, conseqüentemente, entre os adoradores. A amizade é o laço divino que une os adoradores numa experiência fraterna. Quando praticarmos a verdadeira adoração e o verdadeiro companheirismo em nossas congregações, “multidões receberão a fé e se unirão aos exércitos do Senhor”, segundo a Sra. Ellen White.

Finalmente, a adoração é entrega para o serviço. É um oferecimento de tudo o que somos e temos a Deus. Devemos oferecer nossos dons ao Criador com fé sincera e total obediência, como o fez Abel. Pedro nos insta a oferecermos “sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1 Ped. 2:5).

Além dessa entrega, há uma dedicação ao serviço pelo semelhante. A congregação que adora devidamente torna-se uma rede lançada ao grande mar da humanidade carente de salvação. Seus resultados são vistos no relacionamento dos adoradores entre si e com o mundo que os cerca. Como disse Tiago Black, “o culto a Deus não é um fim em si mesmo, quer seja aqui ou no Céu, a menos que conduza ao culto mais agradável, de uma vida pura e uma ação harmoniosa para o bem do mundo. A igreja que adora deve ser a igreja que trabalha. É sobre os joelhos que poderá erguer-se e colocar-se de pé. O culto se aperfeiçoa pelo trabalho”.

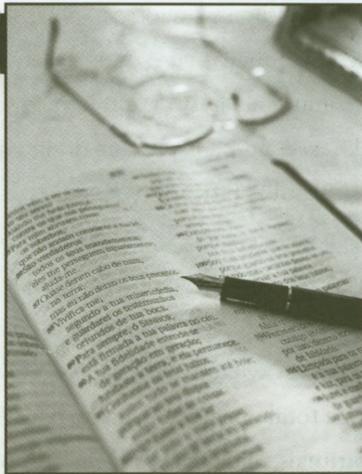
Zinaldo A. Santos

ARTIGOS

- 11 • **ESPELHO CONJUGAL** • Marido e mulher são uma fonte inesgotável de fortalecimento e crescimento mútuos.
- 13 • **LIDERANÇA EFICAZ** • Nabucodonosor e Daniel com seus três companheiros nos ensinam a ser líderes.
- 17 • **ADORAÇÃO ACEITÁVEL** • Uma análise da importância de cada um dos elementos componentes do culto.
- 21 • **UMA PARCERIA BENÉFICA** • Professores e pastores de experiência devem estar unidos na tarefa de formar jovens pastores.
- 23 • **O MISSIONÁRIO EXCÊNTRICO** • Uma reflexão sobre o trabalho do profeta Jonas.
- 25 • **CRISTIANISMO SEM BARREIRAS** • Um chamado a eliminar preconceitos no relacionamento e ministério cristãos.
- 28 • **PREGUE COM LIBERDADE** • Sugestões sobre como pregar um sermão sem depender de anotações.

SEÇÕES

- 2 SALA PASTORAL
- 3 EDITORIAL
- 4 CARTAS
- 5 ENTREVISTA
- 8 AFAM
- 9 PONTO DE VISTA
- 16 IDÉIAS
- 32 NOTÍCIAS
- 34 RECURSOS
- 35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



“Os verdadeiros evangelistas vêem o mundo inteiro como sua paróquia e não conhecem fronteiras que dividem comunidades. Ao pé da cruz, toda a humanidade é uma em pecado e uma em possibilidade de redenção.”

John M. Fowler

CARTAS

Arrebatamento secreto

Todos os artigos do número de janeiro-fevereiro/2002 são de um seletivo estilo literário e alto nível espiritual. Mas desejo destacar dois desses artigos, por seu conteúdo esclarecedor e oportuno, bem como pela interpretação clara, à luz das verdades bíblicas sobre a volta de Jesus. São eles: “Rapto secreto” e “Jesus, Paulo e o advento”. Ambos de autoria dos Pastores Gerhard Pfandl e Hans K. LaRondelle, respectivamente.

Pastor João Kuntze, Florianópolis, SC

O pastor solitário

Sempre é gratificante ouvir alguém falar sobre a vida do pastor. Apreciei bastante o artigo de Larry Yeagley, intitulado “O pastor solitário” (mar./abr. 2002), como abordando um tema comum a muitos de nós. A solidão tem sido chamada o resfriado comum da saúde mental. A maneira como a tratamos afeta nossas emoções e nossa visão da vida, que, por sua vez, afetam nosso desempenho. Outra razão pela qual apreciei o artigo diz respeito ao fato de que, quando eu era um jovem aspirante, Larry foi meu conselheiro e supervisor. E eu fui privilegiado por não ter de experimentar, graças à sua atuação, histórias de horror que compõem o trabalho de outros colegas. Larry fala do que lhe é próprio. Sua preocupação e dedicação a ministros jovens e inexperientes foram positivas.

Dick Tibbits, Orlando, Flórida, Estados Unidos

Com respeito ao artigo de Larry Yeagley, gostaria de dizer que as congregações frequentemente contribuem para a solidão do pastor, pela maneira como tratam assuntos e membros difíceis. O pastor muitas vezes é deixado sozinho ao tentar resolver situações que não deveria enfrentar nessa condição. Contribuiria muito para a saúde da congregação e do pastor, o fato de estarem juntos no enfrentamento de problemas, e na prevenção deles, usando mecanismos estabelecidos.

Patrick E. Wadsworth, Lafayette, Louisiana, Estados Unidos



Lições de **VIDA**

Pastor jubilado partilha sua experiência com os pastores atuais

ZINALDO A. SANTOS

Amazonense, nascido na bela Manaus, em 1926, o Pastor José Cândido Bessa Filho diz ter ficado órfão quatro vezes: primeiro, quando seu pai foi assassinado por índios, no Rio Negro. Em seguida, morreram seu padrasto, sua mãe e a mãe adotiva. “Felizmente, fui adotado pelo bom Deus. Ele Se tornou meu Pai. A partir dessa adoção, tive alguém a quem chamar de Pai”, ele diz.

Em 1945, ouviu a pregação do evangelho através do Pastor Gustavo Storch, a quem descreve como um “valente e aguerrido evangelista”, aceitou a Cristo e foi batizado no ano seguinte. Casou-se, em 1947, com a irmã Nair, “um presentão de Deus”, como ele se refere, de cuja união nasceram dois filhos, cinco netos (um falecido) e três bisnetos.

O Pastor Bessa cursou contabilidade, dois anos de Teologia, no antigo Instituto Teológico Adventista, em Petrópolis, RJ, além de assistir a cursos de verão ministrados por professores da Universidade Andrews. Trabalhou nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste, como pastor distrital, administrador e secretário de departamento, chegando a ocupar, durante 14 anos, a função de secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana. Aí foi agraciado com a jubilação, em abril de 1991, após 41 anos de serviço à Causa de Deus.

Consciente de ter sido abençoado com o dom de evangelista, o Pastor Bessa é um dos mais apreciados prega-

dores adventistas brasileiros. De sua residência, em Valparaíso, GO, ele concedeu a entrevista que segue:

Ministério: *Como se sente, estando jubilado?*

Pastor Bessa: Um pastor distrital, e eu o fui por dez anos, tem uma resumida geografia de atividades. Muitos ficam a vida toda numa Associação ou Missão, o que os faz desenvolver um círculo pequeno de amizades. No meu caso, o Brasil inteiro foi minha paróquia durante os últimos 14 anos de trabalho como secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana. A jubilação foi um processo natural. Foram 41 anos de atividades, bem aproveitados, bem recompensados. O Senhor nos providenciou uma casa, proventos que cobrem as necessidades, filhos casados, netos, bisnetos e amigos em todo o Brasil. Esses fatores contribuíram e muito para uma transição feliz. A grande Nair continua maior ainda lado a lado comigo. Continuo feliz.

Ministério: *Alguns obreiros jubilados costumam dizer que se sentem esquecidos. E quanto ao senhor?*

Pastor Bessa: Não nos sentimos esquecidos. Soubemos, minha esposa e eu, recolher-nos à nova realidade. No dia da nossa despedida na Divisão, éramos três: os Pastores Nelcy Viegas, Floriano Xavier e eu. Falei ao grupo reunido na capela: “Não nos deixem sós.” Creio que estão se lembrando de nós; assim como espero que se lembrem dos outros. E também não ficamos inativos. Após o mês de abril de 1991, dedicamos cinco

anos à realização de semanas de reavivamento por todo o Brasil. Nossos sentimentos são de gratidão pelo que o Senhor realizou através de dois humildes instrumentos – o casal Bessa.

Ministério: *Que atividades lhe deram maior sentido de realização pessoal?*

Pastor Bessa: Acredito que o Senhor me concedeu o dom de evangelista. Como tal, me senti mais do que realizado. Sempre com o auxílio de eficientes equipes, era possível retirar centenas de pessoas dos seus lares e mantê-las durante 30, 40, 60 noites seguidas num auditório. Ouvir aquelas pessoas cantando e lendo a Bíblia em uníssono; contemplar o processo de conversão; levá-las ao batismo e, anos depois, encontrar muitas delas firmes na fé, é uma experiência incomparável.

Ministério: *O que faria diferente hoje, se pudesse recomeçar?*

Pastor Bessa: Em Belém, PA, no primeiro batismo de uma campanha evangelística, tivemos 70 pessoas. No segundo, fui informado de que havia outras 70. Ponderei então que não gostaria que houvesse tantos candidatos; solicitei aos obreiros que examinassem bem a situação de cada uma daquelas pessoas, à luz dos princípios doutrinários da Igreja conforme apresentados na campanha. No final da triagem, foram batizadas 40 pessoas e os obreiros disseram: “O senhor tinha razão.” Hoje, eu dedicaria mais tempo para conhecer as pessoas e contemplar os frutos da conversão.

Ministério: *Em que termos podem ser comparados, ou não, os perigos e desafios enfrentados pelo pastor e família, hoje, em relação aos do passado?*

Pastor Bessa: Hoje temos os mesmos perigos e desafios do passado acrescidos daqueles que são frutos da época em que vivemos. Sempre existe a necessidade de tornar cada vez mais o lar um reduto no qual o pastor e seus familiares sejam um só corpo, resguardando-se o devido apreço às diferentes fases do crescimento e aculturação de cada um. Uma família pastoral desestruturada é um testemunho negativo constante contra a Igreja. Diálogo e tempo para o lazer com a família, abordagem de temas desafiantes e modernos enfrentados pelos filhos, sobretudo muita oração e dependência de Deus são recursos que ajudam a superar as agressões do inimigo.

Ministério: *Alguns pastores reclamam de sobrecarga de trabalho. Em sua opinião, há trabalho em demasia ou falta melhor planejamento?*

Pastor Bessa: Nenhum pastor jamais terá sobrecarga de trabalho, se seguir as instruções do Mestre. Os desafios, responsabilidades e deveres que são colocados sobre os pastores não são para que ele os execute sozinho, mas para envolver a igreja. Jesus treinou Seus discípulos durante três anos. Paulo treinava através do companheirismo, levando consigo Barnabé, Silas, Timóteo; depois os enviava para cuidar de igrejas. A missão não pode viver apenas de mega-acontecimentos. Necessita tornar-se um acontecimento diário, como na Igreja primitiva. Todos os dias os primeiros cristãos pregavam, todos os dias viviam em comunhão, todos os dias batizavam. Formar discípulos e fornecer-lhes material para a ação evangelizadora são fundamentais para o crescimento espiritual e a conservação na fé, evitando a apostasia. “Toda igreja deve ser um centro de treinamento”, diz Ellen White.

Ministério: *Como o senhor aconselharia um pastor a planejar o seu tempo e trabalho?*

Pastor Bessa: Deve ter prioridades integralmente definidas. Periódicos encontros com os oficiais do distrito, compartilhando os desafios; avaliações trimestrais, orientando, sugerindo medidas, corrigindo desvios. Cuidar para que a maioria dos membros tenha en-

volvimento bem definido no trabalho. Cada pastor tem uma legião de soldados que devem ser capacitados e treinados para agir. Antes disso, o pastor deve ter tido tempo definido para sua vida devocional e devida atenção à família, não esquecendo o ministério da visitação, dando estudos bíblicos, ajudando na solução de problemas. Faz muito bem à igreja ouvir que seu pastor está estudando a Bíblia com determinado número de famílias e visitando outras, durante a semana. O bom pastor vai à frente do rebanho.

Ministério: *Como o senhor avalia a qualidade do nosso púlpito, atualmente?*

Pastor Bessa: Existe uma variedade de pregadores. Há o pregador que é professor, o pregador que é pastor, o

para que a mensagem seja cristocêntrica é necessário que o Cristo a ser anunciado tenha tido a permissão para viver na vida do pregador. Disse Paulo: “vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim”. Por isso, sua pregação era sobre “Cristo e este crucificado”.

Ministério: *Qual, a seu ver, deveria ser a ênfase maior da nossa pregação?*

Pastor Bessa: Nosso púlpito deve abarcar o forte e poderoso conteúdo dos três anjos apocalípticos. Ali temos a salvação através do evangelho eterno; o convite para temer, honrar, glorificar e adorar o Deus criador. Há também o aviso de que o juízo já começou. Nossa mensagem contém as mais fortes advertências jamais ouvidas. Em cada grande momento da História, Deus teve pregadores especiais com mensagens especiais. As mensagens de Deus no período compreendido pelas sete igrejas contêm aconselhamento, repreensões, apelos e recompensas aos vitoriosos. Os pregadores dos grandes momentos da História não fugiram, negaram ou aumentaram o conteúdo que receberam. Receberam uma mensagem destinada a produzir santos. Quando a pregamos podemos dizer: “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus.” O capítulo 34 de Ezequiel é de capital importância para todo pastor, quando pensamos na fidelidade com que devemos desempenhar nossa tarefa de atalhas de Deus.

Ministério: *Numa época em que o toque da informática aproxima as pessoas, o senhor acha que a visitação pastoral ainda é necessária?*

Pastor Bessa: Quando Deus quis salvar o mundo, Ele não o fez através de veículos de comunicação, telégrafo, telefone com ou sem fio, não fez uso de celular ou fax, sedex, nem internet. Não colocou um site aberto à visitação por indivíduos necessitados ou curiosos. Quando o primeiro casal pecou e se escondeu, o Senhor veio pessoalmente conversar com ele. Quando Deus quis salvar o mundo, Ele veio fazer a primeira visita pastoral. “Adão, onde estás?” “Quem te mostrou?” “Por que fizeste isto?” Deus fez uma demorada visita. Falou das conseqüências e, em seguida, expôs o maravilhoso plano da salvação; matou cordeiros, teceu roupas com o objetivo de cobrir a nudez do casal peca-

Todos os recursos

humanos e econômicos

da Igreja devem

ser consagrados

à pregação do evangelho.

pregador evangelista, o contador de fatos e o contador de histórias retiradas da internet. A igreja precisa saber que seu pastor não sofre de tendinite nem de “clicanite”. A igreja vai sentir quando o pastor clama por inspiração, iluminação, para tirar sempre coisas novas com roupagens novas e atuais. Não será com exagerados textos seculares lidos, mas é com uma mensagem recheada de declarações e conceitos bíblicos que um púlpito se tornará bíblico. A igreja sente quando a pregação é de segunda mão. Os pensamentos são literalmente bonitos, mas falta o espírito. O pastor não produziu; não orou pela mensagem. A mensagem não é dele. Pode-se até trabalhar com idéias de segunda mão, vestindo-a com uma roupagem criativa própria. Entretanto,

dor; tirou-lhe a vergonha e o opróbrio. Foi uma visita pastoral, sem lanches nem assuntos triviais. Quando Deus quis salvar o mundo, Ele não Se fechou em um escritório com atapetado piso. Ele veio. Visitou-nos. O lar sempre foi parte importante de Seu ministério. A eletrônica impessoal pode facilitar, mas não substitui. Uma igreja perdoa um pastor que não é um arrebatado pregador; mas não perdoa um pastor que não pratica o ministério da visitação. É no recôndito dos lares, perguntando, ouvindo e aconselhando, que são conseguidas as maiores vitórias por Cristo. Há ovelhas enlaçadas, presas nas cadeias do pecado. Uma clicagem não as liberta. Devemos seguir o exemplo do Mestre e fazer da visitação pastoral uma poderosa alavanca para o reavivamento.

Ministério: *Com base em sua experiência, como o senhor define evangelismo?*

Pastor Bessa: Evangelismo encarna os diferentes métodos e maneiras de pregar o evangelho. E a palavra evangelho encarna o conteúdo do que deve ser pregado: as boas novas de salvação. Toda a missão da Igreja, seus recursos humanos e econômicos devem ser consagrados à tarefa da pregação do evangelho. Deus colocou à disposição da Igreja dons espirituais, entre os quais figura o dom de evangelista. O evangelista não recebeu o dom para ficar rodeando igrejas. Segundo a Bíblia, ele deve ser um fundador de igrejas nas cidades, vilas e nos bairros onde a mensagem ainda não chegou (Mar. 1:37 e 38; Rom. 15:20 e 21). O dom de evangelista implica penetração em novos lugares. Evidentemente, a Igreja hoje tem um grande potencial humano que possibilita a realização de campanhas de colheita envolvendo pessoas que os membros de uma igreja prepararam, o que é um tremendo feito. Mas nós temos um “manual de evangelismo” que não é fruto da mente humana, a Bíblia. Se existir alguma dúvida quanto a enfatizar uma área em detrimento de outra, vamos consultar esse manual. O que foi um bom conselho para Timóteo também serve para nós hoje: “...faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério” (II Tim. 4:5).

Ministério: *Para o senhor, o que é sucesso pastoral?*

Pastor Bessa: Falando num encontro de pastores da Associação de Nova

York, onde trabalha o meu genro [Pastor Irajá Costa e Silva], um dos vice-presidentes da Universidade Loma Linda disse que, segundo uma pesquisa realizada entre pastores dos Estados Unidos, 46% pensam em deixar o pastorado; 74% querem mudar de área no ministério. Talvez essa insatisfação seja fruto da visão que têm de sucesso pastoral. Humildemente, sempre me considerei um pastor de êxito. Em primeiro lugar, porque sinto que Deus me chamou. Em segundo lugar, porque experimentei o tripé da felicidade pastoral: pregar, visitar e dar estudos bíblicos. Em um mundo com tanta concorrência, os parâmetros de avaliação são os números revelados na produção. Não creio que, na Igreja, deva ser essa a condição do sucesso. Em uma campa-

*Uma igreja perdoa
um pastor que não é
um arrebatado pregador;
mas não perdoa
um pastor que não
visita os membros.*

inha evangelística que dirigi em Juazeiro do Norte, CE, batizei (coloque aí com letras maiúsculas) ZERO. Mas isso não foi empecilho para que depois eu servisse à Divisão Sul-Americana. Hoje, em Juazeiro, existem seis igrejas e de lá já saíram vários pastores. A influência deixada, o exemplo transmitido, a bondade, a cortesia, a transparência, a humildade para pedir desculpas e a disposição para perdoar são valores maiores, entre muitos outros, que identificam um pastor de sucesso.

Ministério: *As condições do mundo atual exigem muito dos pastores; o senhor concorda?*

Pastor Bessa: Os pastores hoje não devem possuir menos nem diferentes qualidades das que tiveram os pastores

de seis mil anos atrás. De um deles é dito que andava com Deus; outro foi identificado como amigo de Deus; houve um príncipe de Deus; outro, mui amado; e mais outro, um homem segundo o coração de Deus. Quatro deles foram achados dez vezes mais sábios que os sábios da época em que viveram. Hoje, o pastor pode se apresentar em uma embalagem de microfibras, mas deve dizer interiormente: “Cristo vive em mim”. Pode andar num carro do ano, mas as pessoas devem dizer: “este que passa por aqui é um santo homem de Deus”. Pode ser um Ph.D., mas deve ser identificado como um homem que tem estado com Jesus. Como pastores, devemos dizer como Paulo: “Nós temos a mente de Cristo”. Quanto maior for o predomínio da iniquidade, mais e mais devemos refletir em sentimentos, pensamentos, palavras, gestos e ações, o santo caráter de Cristo Jesus.

Ministério: *Que apelo especial o senhor gostaria de transmitir aos pastores e à Igreja?*

Pastor Bessa: Se conseguíssemos, como pastores, inspirar e induzir nossas igrejas a investir tempo abeberando-se do manancial, garimpando o tesouro contido em nossa literatura, que abrange todas as áreas da vida, teríamos uma membresia segura, protegida, fervorosa, em paz e preparada para toda boa obra. Seríamos um barco navegando tranqüilo por sobre as ameaçadoras ondas do mal. Pastor, leia; alimente sua grei e ela seguirá seu exemplo. Visite, pastor; e o rebanho irá imitá-lo. Ame o povo, pastor; e você não somente será amado, mas os irmãos vão amar-se uns aos outros e aos pecadores também. É possível que o inimigo ainda não tenha esgotado sua capacidade de clonar novas e perversas práticas pecaminosas. É necessário desobstruir os órgãos da audição, para ouvirmos a voz suave do Supremo Pastor pedindo entrada em nosso coração. É preciso desobstruir a visão com o colírio celestial. Precisamos nos vestir com os trajes confeccionados nos teares do Céu e possuir a fé mais preciosa que o ouro. Depois do fatídico 11 de setembro, a frase mais ouvida nos Estados Unidos era que “o mundo não será mais o mesmo”. E não está sendo. Estamos nós, pastores e igrejas, entendendo a rapidez dos acontecimentos proféticos? Toca-nos dar o somido certo na trombeta de advertência. Pouquíssimo tempo nos resta. 

A parábola do ANCIÃO



Divulgação

RAQUEL ARRAIS

Diretora associada da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, na Divisão Sul-Americana

Uma das matérias que mais apreciei, quando cursei o mestrado em teologia, intitulava-se “Exegese de parábolas”. Era um assunto fantástico porque fazia com que o professor demonstrasse toda a sua habilidade de interpretação, levando os alunos a um estudo mais profundo dos contextos histórico e teológico, além de proporcionar uma discussão fascinante em torno do assunto. Nessa classe ninguém dormia; afinal, é difícil não permanecer de olhos abertos quando escutamos uma história interessante. Especialmente quando essa história nos ajuda a extrair lições práticas para a vida.

Sempre podemos encontrar algumas boas histórias em forma de parábolas que, além de interessantes, nos convidam a uma reflexão. Lendo uma revista para executivos na área de comunicação, encontrei uma pequena e interessante parábola, que dizia o seguinte:

Um ancião descansava sentado em um velho banco à sombra de uma árvore, quando foi abordado pelo motorista de um automóvel que estacionou ao seu lado. E conversaram:

Situações novas são sempre oportunidades para crescimento

“Bom dia!”, saudou o motorista.

“Bom dia!”, respondeu o ancião.

“O senhor mora aqui?”

“Sim, há muitos anos...”

“Venho de mudança e gostaria de saber como é o povo daqui. Como o senhor vive aqui há tanto tempo, deve conhecê-lo muito bem.”

“É verdade”, falou o ancião. “Mas, por favor, me fale da cidade de onde você vem.”

“Ah, é ótima; maravilhosa! Gente boa, fraterna... Fiz lá muitos amigos. Só a deixei por imperativos da profissão.”

“Pois bem, meu filho. Esta cidade é exatamente igual. Você vai gostar daqui.”

O forasteiro agradeceu e partiu. Minutos depois, apareceu outro motorista e também se dirigiu ao ancião:

“Estou chegando para morar aqui. O que me diz do lugar?”

O ancião lançou-lhe a mesma pergunta: “Como é a cidade de onde você vem?”

“Horível! Povo orgulhoso, cheio de preconceitos, arrogante! Não fiz um único amigo naquele lugar.”

“Sinto muito, meu filho; pois aqui você encontrará o mesmo ambiente...”

Ao ler essa história, pensei na maneira como agimos ao enfrentar as mudanças na vida ministerial e como é importante o fator “atitude” nessas horas. Da atitude depende a maneira como encaramos as coisas. Se desenvolvemos uma atitude pessimista, assim será o ambiente que encontraremos. Talvez daremos dimensão exagerada aos problemas, e veremos apenas nuvens escuras no horizonte, esquecendo de que o sol brilha acima delas.

Por outro lado, se desenvolvemos uma atitude otimista e entusiasta, o quadro pode ser outro. Situações novas, em vez de se apresentarem ameaçadoras, tornam-se desafios. Mudanças que aparentemente podem não agradar de imediato, tornam-se oportunidades de crescimento. Essa mentalidade cultivada a cada dia é o que nos faz enfrentar turbulências e situações novas de maneira positiva.

O otimismo deve fazer parte do nosso estilo de vida, não porque somos esposas de pastores, mas acima de tudo porque somos filhas de Deus. A pessoa otimista é portadora de bênçãos que contagiam a vida de quem está por perto. Além disso, transmite a alegria da confiança em Deus e em seus planos em relação ao ministério que exerce.

De todas as circunstâncias podemos tirar lições importantes. Mesmo mudando de um lugar para outro, assumindo uma nova congregação ou enfrentando um novo trabalho, Deus prepara sempre algo especial que resulta em crescimento e aprendizado. Desenvolva uma atitude interior positiva e isso será suficiente para que a alegria e a felicidade acompanhem seu ministério.

Concentre-se no lado bom de cada situação.



QUALIDADE ou QUANTIDADE



GILBERTO SANTOS RIBEIRO

*Secretário ministerial
da Missão Maranhense*

Falar de números no meio adventista tornou-se um problema e um desafio. As questões envolvidas são muitas e de difícil elaboração. Enquanto uns dizem que a multiplicação de discípulos é a primeira vontade revelada de Deus ao homem, lá no jardim do Éden, existem aqueles que deploram os números, afirmando ser a qualidade mais importante que a quantidade.

Muitos pastores e igrejas rejeitam o evangelismo público por causa de uma suposta ênfase exagerada no crescimento numérico. A crítica comum é que existe uma preocupação exagerada em se contar o número de batismos. Essa atitude, dizem eles, é o embrião de um espírito triunfalista que pode contaminar todo o movimento evangelístico.

O respeito e a credibilidade de um ministério dependem, naturalmente, em grande parte, dos resultados numéricos. Todavia, a questão principal ainda persiste: “Cresce espiritualmente quem não cresce numericamente?”

Critérios de avaliação

Indiscutivelmente, precisamos ter critérios sérios e realistas quanto ao nosso desempenho ministerial. “Assim

A ênfase numérica pode ser um problema; ou pode ser uma bênção

também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizeis: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer” (Luc. 17:10).

Qual é o critério de avaliação do ser humano em uma indústria ou empresa? Qual o critério usado para avaliar e qualificar o ser humano? Via de regra, usa-se o quanto ele produz ou faz acontecer. Portanto, é notório que qualquer empresa faz avaliações onde as pessoas de sucesso e vencedoras são aquelas que, em suas funções, trazem crescimento para a empresa.

Na obra de Deus, que é o maior dos empreendimentos, o obreiro demonstra-se qualificado e vocacionado para o ministério, quando tira o povo do Egito e o leva para Jerusalém. Levando o redil do Senhor a bons pastos e campos verdejantes, águas tranqüilas. O rebanho bem cuidado tende naturalmente a se multiplicar.

Deus e os números

A ênfase exagerada em números pode ser um problema e uma bênção, na obra de Deus. Não devemos pensar que Ele seja contra os números. Foi o próprio Senhor quem ordenou a Moisés que contasse o povo de Israel: “No segundo ano após a saída dos filhos de Israel do Egito, no primeiro dia do segundo mês, falou o Senhor a Moisés, no deserto do Sinai, na tenda da con-

gregação, dizendo: Levantai o censo de toda a congregação dos filhos de Israel, segundo as suas famílias, segundo a casa de seus pais, contando todos os homens, nominalmente, cabeça por cabeça” (Núm. 1:1 e 2).

Em todo o Antigo Testamento, encontramos as genealogias, que são algo como ancestrais do rol de membros de nossas igrejas. O próprio Jesus usou números em muitas ocasiões para ensinar verdades importantes. Ele contou a parábola das cem ovelhas (Mat. 18:12); a respeito de colheitas, Ele falou de rendimentos a 30, 60 e cem vezes o número de sementes plantadas. Por ocasião da pesca maravilhosa, alguém teve o cuidado de contar os peixes e ver que eram 153 grandes peixes (João 21:11).

Deus não possui aversão a números, pois Ele sabe quantos fios de cabelo temos em nossa cabeça. Além disso, temos no livro de Atos uma descrição sugestiva. No capítulo primeiro, temos 120 pessoas reunidas. Em Atos 2:41, é dito que três mil pessoas foram acrescentadas. No capítulo 4:4, ficamos sabendo que foram agregados quase cinco mil homens. Foi o próprio Espírito Santo quem nos deu esse relato. Portanto, números, em si mesmos, não são maus.

Numerofobia

Por que então os números incomodam tanto? Talvez seja por causa de uma outra enfermidade grave: a “numerofobia”, um medo exagerado dos números. Aqueles que contraíram a numerofobia, normalmente, gostam de teologizações do tipo “se a porta é estreita e são poucos os que entram por ela, como podemos defender grandes igrejas?” Eles dizem que Jesus nos mandou cuidar das ovelhas, e não contá-las. Outros ainda afirmam que Jesus chamou apenas doze, e não toda a multidão, porque está interessado apenas na qualidade e não na quantidade.

Não quero diminuir a seriedade de questões como essas, mas, a meu ver, elas apenas são um sintoma da numerofobia. Como toda doença, essa também possui causas. Vejamos algumas delas:

Insegurança. Aqueles que detestam números, normalmente, não têm número algum para mostrar (ou os têm reduzidos). Nesse caso, é como um meca-

nismo de defesa, para não ser confrontado com a falta de frutos e não vir a ser taxado de ineficiente ou incompetente. Ignorar as estatísticas é uma desculpa para não avaliar o próprio desempenho no ministério.

Incredulidade. Por trás de todas essas teologizações que mencionamos existe um espírito de incredulidade. E as teologizações se tornam mais graves quando tentamos justificá-las com a própria Bíblia. A porta pode ser estreita, mas a vontade de Deus é que todo homem seja salvo. Jesus começou com doze, mas João viu, segundo o Apocalipse, uma multidão que ninguém pôde contar.

Comodismo. Os números nos confrontam e nos forçam a buscar novas estratégias, a rever estruturas antigas e a reavaliar todo o trabalho. Em suma, eles podem ser completamente subversivos – podem mexer com a nossa comodidade.

“Segundo o que Deus me mostrou, é preciso haver, entre os pastores, uma sacudidura, a fim de serem eliminados os negligentes, preguiçosos e comodistas, e permanecer um grupo fiel, puro e abnegado, que não busque seu bem-estar pessoal, mas administre fielmente na palavra e na doutrina, dispondo-se a sofrer e suportar todas as coisas por amor de Cristo, e salvar aqueles por quem Ele morreu. Sintam esses servos o ‘ai’ que sobre eles pesa se não pregarem o evangelho, isso será o bastante; mas nem todos o sentem.” – *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 35.

Seqüelas

Se a numerolatria é grave, a numerofobia pode ser devastadora. Caso o paciente não se trate, pode morrer. Entretanto, a maioria não vai morrer, mas pode carregar algumas seqüelas tais como:

Isolamento. A tendência das pessoas que têm aversão a números é se isolar. Suas igrejas se isolam, como se fossem uma ilha de qualidade num oceano de mundanismo. Todo

grupo exclusivista sempre diz de si mesmo: “somos poucos, mas de excelente qualidade.”

Estagnação. Se não somos honestos em avaliar nosso trabalho, métodos e estruturas, com base nos resultados esperados, a conseqüência natural é a estagnação. Uma boa crise de crescimento pode ser saudável para qualquer igreja. Pois o extremista ataca a igreja levando a reduzir o seu número salientando “qualidade”. O comodista não leva a igreja ao trabalho. Ambos são instrumentos do inimigo para atacar os grandes movimentos de massa como o evangelismo público, que é obra do “terceiro anjo”.



Está fora de questão que solos diferentes têm produtividade distinta, ainda que a semente seja a mesma e o manejo do solo excelente. Diferentes culturas e países são solos distintos para o plantio da Palavra de Deus. Existem rios com mais peixes que outros; e, num mesmo rio, há lugares de maior abundância que outros. As comparações podem e devem ser feitas, mas precisamos ser cuidadosos em nossos critérios. Pois o esforço humano com a vontade divina frutifica em qualquer lugar. Sendo assim, ressaltar as diferenças culturais e sociais como desculpa para a falta de crescimento, não é outra coisa senão limitar a atuação do Espírito Santo.

Penso que deveríamos falar mais de crescimento relativo do que de absolu-

to; ou seja, uma igreja de 500 membros numa cidadezinha de sete mil habitantes é, com certeza, uma mega-igreja, pois representa quase 10% da população. Se alguns dos pastores que vivem nas grandes capitais observassem esse critério, muito da sua vaidade pessoal desapareceria. Baseados nele é que estamos vendo muitas mega-igrejas, de até mil membros, florescendo no interior do país.

Uso do equilíbrio

Os números, em si mesmos, não são bons e nem maus. Tudo depende de como são usados. Vimos que existem duas doenças básicas no meio adventista, quando o assunto é números. Gostaria de sugerir algum tratamento para os que sofrem dessas enfermidades. Para os que padecem de numerolatria, sugiro uma cirurgia para remoção do ego e doses diárias de cruz. Coloque na cruz todo o desejo de honra e glória. Deixe que Cristo seja visto e tenha a preeminência.

Para aqueles que sofrem de numerofobia, recomendo uma dose diária de poder do Espírito. Esse remédio terá como efeito colateral uma enorme crise de crescimento, mas não se preocupe: o mal-estar passará e o resultado poderá ser visto em pouco tempo.

Crescimento nunca foi sinônimo de superficialidade. As igrejas que se envolvem com o evangelismo oferecem uma alternativa para essa polêmica, porque colocam o macro e o micro integrados num mesmo lugar; e o evangelismo explosivo associado ao ensino profundo e ao discipulado, que são os pequenos grupos no evangelismo de conservação.

Portanto, é hora de agir, reagir e realizar. Todo trabalho feito com oração, planejamento e determinação terá para todos os pastores e igrejas grande êxito. Lembre-se: ninguém tem mais sorte que outro. Alguém já disse que “a sorte é o encontro da oportunidade com a capacidade”.



ESPELHO CONJUGAL

Pastor e esposa devem ser os amigos mais íntimos um do outro. E, no cenário dessa amizade, devem ser honestos em aconselhar-se mutuamente



Divulgação

JOEL N. MUSVOSVI

*D.Min., secretário ministerial
da Divisão África-Oriental*

O trabalho pastoral está cada vez mais exigente, estressante e solitário, quer o pastor atue em níveis administrativos ou em alguma congregação. Em ambos os casos, existe uma sensação de isolamento, ou de estar sendo observado, avaliado, criticado. Tais sentimentos de solidão e escrutínio também atingem a esposa do pastor.

Esse sentimento de marginalização pode privar o casal pastoral de nutrição para as suas necessidades emocionais tão necessária ao crescimento integral na vida, no casamento e no ministério.

Uma ótima fonte de encorajamento e nutrição, disponível ao pastor e esposa, é o próprio casal. Antes de serem uma equipe ministerial, eles formam uma parceria que provê uma fonte abundante e inesgotável de força para os dois. Chamo essa experiência de espelho dos cônjuges. O que significa isso?

Autoconhecimento

A base do relacionamento macho-fêmea está esboçada na Bíblia. É tão aplicável ao pastor e sua esposa como a qualquer outra pessoa. Um casal pastoral é uma sociedade no casamento: marido e mulher. Somente então eles devem ser vistos por outros, ou por si mesmos, como pastores.

O pastor deve compreender de maneira muito clara que ele não é, primeiramente, o pastor de sua esposa e, depois, seu marido. A esposa deve compreender que ela é, em primeiro lugar, uma esposa, antes de se relacionar com o marido pastor em qualquer outro plano. Não deve haver espaço para lugares-comuns em seu relacionamento mútuo.

A primeira obrigação de ambos é amar, cuidar e estar disponíveis um para o outro eternamente comprometidos com o seu casamento. É importante que o ministério flua a partir de sua unicidade, não vice-versa. O livro de Gênesis nos diz que “criou Deus o homem à Sua própria imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gên. 1:27). A humanidade como macho e fêmea, juntos, reflete a imagem divina mais completamente que macho e fêmea separados um do outro.

Adão e Eva não eram um, separados, mas em seu estado matrimonial. Dois seres humanos distintos tornam-se um. Em certo sentido, são uma unidade – um todo. Noutro sentido, são uma união – dois componentes coordenados que funcionam em relação um com o outro. No casamento, o relacionamento entre marido e mulher traz juntos

dois componentes da humanidade. Esse relacionamento requer que eles se descubram no contexto do outro.

Reflexo benéfico

O espelho é um objeto no qual podemos nos ver refletidos. Geralmente o usamos para ver partes de nós que, de outra maneira, não poderíamos ser vistas, ou para nos ver de uma perspectiva que normalmente não vemos. Usamos o espelho depois de termos feito nosso melhor para nos colocar em uma condição desejável. Também o usamos porque temos uma suspeita oculta de que, a despeito de nossos melhores esforços para autoconhecimento, alguma coisa poderia estar diferente. Ficamos preocupados no sentido de que alguém possa ver algo a nosso respeito que somos incapazes de discernir e tratamos de ajustá-lo.

O espelho provê uma afirmação objetiva de que estamos bem, de que finalmente estamos como sempre tentamos ficar. Remove nossa dúvida e afirma nossa aceitabilidade, habilitando-nos para servir ao mundo sem receios ou distrações.

Da mesma forma, um relacionamento conjugal saudável provê um cenário único no qual os cônjuges podem servir como espelho um do outro. Todos nós temos acessos de cegueira em nossa visão própria. São fraquezas, maneirismos ou idiossincrasias que reduzem nossa efetividade. Mas, porque são parte de nós, conservadas a muito tempo, estamos inconscientes de sua presença. Amigos e colegas podem nunca mencionar nossas fraquezas. Eles querem poupar-nos a dor e o embaraço, ou não sabem como dizer isso sem se tornarem incompreendidos.

Em minha vida pastoral, muito freqüentemente tenho sido capaz de ver a mim mesmo através dos olhos de minha esposa e companheira. Ela me tem levado a notar e me tornar sensível às necessidades de outras pessoas; necessidades que eu não via. Tem-me ajudado a burilar o modo de me comunicar no púlpito, e até a escolher as roupas que devo vestir em certas ocasiões. Posso até não concordar algumas vezes com o que vejo no espelho, mas estou agradecido porque ele existe e enriquece o meu ministério.

Também sou um privilegiado por ser o espelho da minha esposa. Ela aprecia meus comentários sobre suas roupas e diz que isso a tranquiliza mais do que a revelação do espelho em nosso quarto. Recentemente fomos a uma loja onde ela, experimentando uma nova roupa, disse-me: "Se você está feliz com o que vê, não preciso olhar no espelho." Isso me pressionou a ser um espelho adequado.

Dúvidas pessoais

Um espelho ajuda-nos a tratar com nossas próprias dúvidas. Angelina gosta de me acompanhar em alguma palestra, sempre que pode. Isso é muito bom. Ela expressa sua apreciação, e partilha comigo pontos específicos que apelaram ao seu coração. Comenta a resposta da audiência e aponta as áreas onde eu poderia ter tido melhor desempenho.

Isso me dá um senso de auto-aceitação e confiança. Depois, coloco em prática os seus conselhos, refaço as anotações e as próximas apresentações sempre são mais ricas.

Receber crítica não é coisa rara à família do pastor. Na maioria dos casos, a crítica é direcionada ao casal. Isso pode resultar em algum sofrimento e dúvidas. Nós pastores às vezes focalizamos exageradamente uma crítica particular que alguém vocifera. Nesse caso, a crítica pode se tornar uma fonte de contínuo sofrimento, desgastando o nosso ministério. Superestimamos então o senso de fracasso e perdemos uma oportunidade para crescimento. Em tais ocasiões precisamos que a esposa atue como um espelho para restaurar nossa perspectiva e o nosso equilíbrio.

Nossas dúvidas pessoais podem nos afligir nas áreas de nossa aparência ou desempenho. A sociedade coloca de-

mandas pesadas e freqüentemente irreais nessas duas áreas. Mas o que realmente conta é a opinião de pessoas significativas em nosso círculo. Para indivíduos casados, o cônjuge é a pessoa mais significativa. Podemos sentir rejeição no trabalho ou até entre outros familiares e ainda enfrentar a vida. Mas a rejeição por parte do cônjuge pode ser devastadora. Quando um cônjuge revela aceitação incondicional do outro, faz a maior diferença do mundo.



William Heber

O melhor proveito

Os verdadeiros cenários nos quais o reflexo do espelho pode ser útil são numerosos e variam de casal para casal. O que importa é a aplicação do conceito dinâmico do refletir. Aqui estão algumas diretrizes úteis:

Conserve abertos os canais de comunicação. Quando a comunicação é quebrada, a imagem do espelho fica distorcida. Compromissos e deveres freqüentemente removem a comunicação de nossas prioridades. Simplesmente não há substituto para comunicação íntima, pessoal. E a única maneira de manter comunicação é comunicar.

Aceite ser um espelho. Refletir efetivamente requer maturidade tanto de quem é o espelho como de quem é espelhado. Cada cônjuge necessita concordar em assumir esse papel. A expressão dessa concordância torna mais fácil o trabalho de quem atua como espelho, ajudando-o a tomar iniciativa em revelar as áreas que necessitam de atenção.

Desenvolva espírito de equipe. O pastor e a esposa são um time, não competidores. O sucesso de um é o

sucesso do outro. Quando uma parte da equipe falha, todo o time perde. Portanto é, no mínimo, razoável que ajudemos o outro a ser o melhor jogador possível.

Desenvolva uma atmosfera apropriada. Se eu não estiver numa posição apropriada em relação ao espelho, não verei minha imagem nele. Cada cônjuge necessita possuir disposição favorável em relação ao outro. Talvez necessitemos freqüentes períodos de tempo longe da ribalta do ministério, para dedicarmos-nos um ao outro.

Devemos compreender-nos em termos do que nós somos. Quem somos é mais importante do que o que fazemos. O que fazemos brota do que somos. Necessitamos de tempo para ser nós, simplesmente nós. Não nós em relação aos membros ou outros recipientes do nosso ministério. Necessitamos de tempo para relaxar e ser verdadeiramente humanos.

Seja amável e honesto.

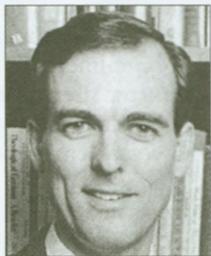
Os membros da igreja podem não refletir sobre nós as áreas em que precisamos melhorar; eles são amigos distantes. Freqüentemente há grande distância entre a paróquia e os paroquianos. Pastor e esposa devem ser os mais íntimos amigos um do outro. E no cenário dessa amizade eles devem ser amorosamente honestos.

Focalize o positivo. Crescer em uma atmosfera de aprovação e encorajamento é mais fácil do que em um clima de criticismo. Necessitamos espelhar as áreas de fortalecimento e crescimento mútuos. Mesmo quando coisas negativas tenham de ser mencionadas, deve-se estabelecer um cenário positivo. Focalize as pequenas conquistas e vitórias. Encoraje os pequenos sonhos e as raras possibilidades.

Olhem juntos o grande espelho – Cristo. Ao contemplá-Lo somos transformados à Sua semelhança, de glória em glória (II Cor. 3:18) e abrimos muitas perspectivas para nós. Quando vemos cada um de nós em Cristo, e Cristo em cada um de nós, podemos mais facilmente servir como espelho para o outro. Isso envolve entrega a Deus como Seus filhos e servos. Inclui a busca por descobrir Sua vontade e lançar-nos à aventura da ativa obediência a Ele.



LIDERANÇA EFICAZ



JOHN McVAY

Ph.D., deão e professor de Estudos no Novo Testamento no seminário teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Considerando que nós participamos em um movimento que busca proclamar o “evangelho eterno... aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Apoc. 14:6), nossa Igreja necessita desenvolver líderes que possam providenciar uma liderança global para essa tarefa. Cada vez mais devemos pensar a nosso próprio respeito como líderes globais; isto é, líderes capazes de liderar localmente no contexto de um movimento global. A pergunta é: Para onde nos deveríamos voltar em busca de lições que nos ajudem a desenvolver esse tipo de liderança?

Vamos considerar a experiência do rei Nabucodonosor, nos capítulos um e dois do livro de Daniel.

Lições de Nabucodonosor

Em suas palavras iniciais, o livro de Daniel apresenta Nabucodonosor como “rei da Babilônia” e líder militar. “No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou” (Dan. 1:1). Entretanto, imediatamente depois da anunciada proeza mi-

Persistência, cooperação, integridade, reconhecimento e espírito de oração. Esses são alguns dos princípios que Daniel nos ensina como líder

litar de Nabucodonosor e de sua identificação, Daniel volta a um tema central do livro: “O Senhor lhe entregou nas mãos a Jeoaquim, rei de Judá...” (v. 2). Segundo esse verso, a liderança de Nabucodonosor está limitada pela soberania divina; e aqui já aprendemos uma lição em liderança global: a necessidade de reconhecer o Deus que está no controle de todas as coisas.

À medida que a história se desdobra, aprendemos que Nabucodonosor também é um estrategista, profundamente envolvido nos detalhes do seu reino. O plano estratégico de Babilônia envolvia treinamento de líderes locais. Nabucodonosor esboçou a linhagem, as qualificações, o currículo, a dieta e eventual colocação dos líderes em treinamento (vs. 3-5, 10, 18-20). Então delegou esses assuntos a Aspenaz, “chefe dos eunucos”, conferindo-lhe autoridade e a tarefa de executar o que ele determinasse. Pelo cumprimento dessa tarefa Aspenaz seria cobrado. No fim do treinamento, o rei conduziu pessoalmente um exame oral (vs. 18-20).

Aspenaz sentiu-se responsável por tudo. Ao requerimento dos hebreus consoante à questão da temperança, ele respondeu: “Tenho medo do meu senhor, o rei, que determinou a vossa comida e a vossa bebida; por que, pois, veria ele o vosso rosto mais abatido do que o dos outros jovens da vossa idade? Assim, poríeis em perigo a minha cabeça para com o rei” (v. 10).

Sem endossar tal consequência violenta, podemos aprender as qualidades positivas da liderança de Nabucodonosor: visão, delegação, avaliação. Mas seriam essas as marcas de uma liderança capaz em qualquer área?

Como seria se Nabucodonosor tivesse feito seu trabalho com mais indulgência? Como seria se ele não tivesse a visão de treinar candidatos dotados? Como seria se tivesse falhado em indicar um instrutor capaz e confiável? Como seria se o rei tivesse deixado os resultados inteiramente sob o controle do instrutor, sem estabelecer um momento de prestação de contas? Poderia a qualificação dos quatro hebreus ter sido educada e conhecida? Talvez não. A agenda de Deus é adiantada pela excelência da liderança de Nabucodonosor.

A história é desafiante para aqueles que estão envolvidos em treinar líderes eclesiais. Frequentemente falamos de atrair “os melhores e mais brilhantes”. Nabucodonosor conseguiu esses candidatos pela força. Embora não devamos adotar por atacado os modos e os critérios utilizados por ele, as qualificações que ele esperava encontrar naqueles jovens são interessantes. Deveriam ser de “linhagem real” (v. 3); deveriam ser fisicamente perfeitos e formosos; deveriam ter alcançado um alto nível de realização intelectual; e deveriam ser “competentes para assistirem no palácio do

rei” (v. 4). A lista de Nabucodonosor evoca importantes questões.

Deveriam os candidatos recrutados para o palácio real, ser menos qualificados do que os recrutas de Babilônia? Foi Nabucodonosor quem estabeleceu os critérios para seleção dos candidatos. Assim, nós devemos levar em conta os critérios estabelecidos pelo nosso Rei em relação às qualificações dos candidatos a líderes em Sua Igreja. Vamos recrutar e treinar os candidatos que Ele escolher. Quem são eles? Quais são suas qualidades? Como saber qual é Sua escolha? Buscá-Lo em fervente oração é a maneira de obter respostas para tais indagações.

Lições de Daniel

Se podemos aprender sobre liderança do exemplo manchado de Nabucodonosor, seguramente também podemos voltar-nos para o imaculado padrão de Daniel e seus companheiros, com o mesmo objetivo. O que eles nos ensinam sobre liderança? Primeiramente, é bom lembrar que eles mal pareciam ser líderes. Aconteceu tudo com eles: cativo, alistamento compulsório, troca de nome e de forma de educação. Sua vida tornou-se rigorosamente planejada. Parece haver pouca chance para liderar, quando se está seguidamente muito ocupado, embora a oportunidade surja em um momento de crise.

Daniel e seus companheiros não aceitaram “a razão diária das finas iguarias da mesa real, e do vinho que ele bebia” (v. 5). Na condição de cativos, eles facilmente poderiam ter succumbido, aceitando a dieta do rei como uma marca do juízo de Deus sobre eles e seus compatriotas. Em vez disso, os quatro exercitaram uma liderança que se provaria global em sua influência.

Daniel então assumiu o papel de negociador. Primeiramente foi ao chefe Aspenaz e solicitou permissão para que ele e seus amigos não participassem do cardápio real. Como já foi dito, Aspenaz questionou a

petição de Daniel, apresentando seu temor do que lhe poderia fazer o rei. Daniel, no entanto, foi persistente. Abriu uma fenda na estrutura organizacional do palácio e repetiu o pedido ao guarda, ao cozinheiro-chefe a quem Aspenaz tinha encarregado de cuidar dos rapazes hebreus.

Naquela ocasião, ele fez uma proposta mais detalhada: “Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias; e que se nos dêem legumes a comer e água a beber.” (v. 12). E a persistência de Daniel funcionou. O cozinheiro concordou, o teste foi feito e, dez dias depois, os quatro hebreus estavam mais saudáveis “do que todos os jovens que comiam das finas iguarias do rei” (v. 15). O cozinheiro-chefe, sabendo agora que sua cabeça não corria risco, “tirou deles as finas iguarias e o vinho que deviam beber, e lhes dava legumes” (v. 16).

Esses quatro jovens personificam um elemento essencial da liderança: integridade. Como disse Jerold Panas, em seu livro *Integrity is Everything* (Integridade é Tudo), “integridade é tudo. Requer coragem moral firme, magnetizada pelo fervor por um ideal. O ser humano é uma união de inabalável integridade, palpitante energia e inflexível determinação. A maior dessas virtudes é a integridade. Ela demanda princípios imutáveis, padrões rigorosos, inabalável disciplina, elevada dedicação. Sempre. Uma devoção ao que é certo, honesto e justo”.

Deus acrescentou Sua bênção à persistente lealdade dos quatro amigos. Deu-lhes sabedoria e habilidade. Foram levados à corte real, tendo oportunidade para exercitar a liderança global sobre a base de uma reputação como os mais sábios conselheiros no reino (vs. 19 e 20).

Daniel 2

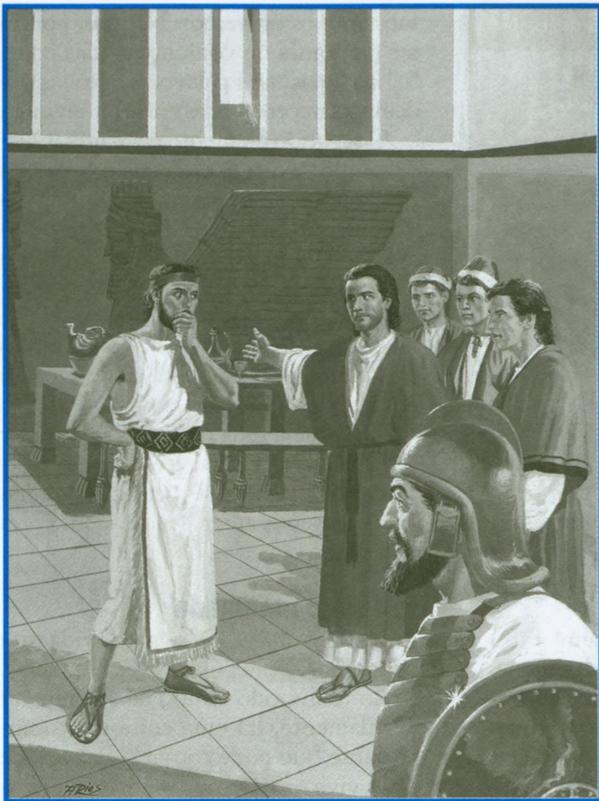
No início do capítulo dois, Nabucodonosor aparece em seu pior momento como líder. Estava pessoalmente perturbado e buscava ajuda dos seus subordinados. Como eles se mostraram incapazes de relatar e interpretar seu sonho, ele respondeu brutalmente: “Uma coisa é certa: se não me fizerdes saber o sonho e a sua interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas monturo” (Dan. 2:5).

Depois de mais duas tentativas, a índole de Nabucodonosor realmente incendeia. Ele “muito se irou ... e ordenou que matassem a todos os sábios de Babilônia” (v. 12).

Alguém até poderia argumentar que o rei estava sendo autêntico. De uma forma transparente, ele exibiu sua ira. Entretanto, há momentos na experiência de um líder, quando outros valores superam esse tipo de autenticidade. Esse é um dos casos. Podemos dar a desculpa de que Nabucodonosor estava refletindo simplesmente as técnicas habituais de liderança, próprias do seu tempo, quando esperava-se que os reis fossem demagogos. Pondo de lado todas essas desculpas e explicações, Nabucodonosor aqui não nos oferece nada para imitar.

Daniel, entretanto, oferece-nos alguma coisa.





Ele reafirma diante do monarca babilônico, o interesse que Deus tinha nele. O "Deus nos Céus", através de Daniel, "revela mistérios, pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias" (v. 28). Deus revelou isso a Daniel, não devido a algum mérito da sua parte, "mas para que a interpretação se fizesse saber ao rei, e para que entendesses as cogitações da tua mente" (v. 30).

O antídoto para o veneno do egoísmo interessado e da fúria parece ser uma nova compreensão do amor e cuidado de Deus. Quando tentados a censurar e ameaçar aqueles aos quais lideramos, o que realmente necessitamos é louvar o amor de Deus por Seus filhos. Na compreensão do Seu cuidado individual por nós, somos habilitados a enfrentar pensamentos incômodos e desafios difíceis, sem causar danos aos nossos liderados.

Como no capítulo um, Daniel e seus três companheiros oferecem um impressionante e positivo exemplo de liderança global. O rei ordenou a execução de "todos os sábios da Babilônia" (v. 12). Arioque, chefe da guarda do rei, saiu em busca de Daniel e seus três companheiros para que também fossem executados. Daquela quarteto, Daniel foi encontrado primeiro. E calmamen-

te interroga Arioque: "Por que é tão severo o mandado do rei?" (v. 15). Ao ouvir a narrativa dos eventos, feita por Arioque, Daniel dirigiu-se ao palácio e pediu ao rei que lhe "designasse o tempo, e ele revelaria ao rei a interpretação" (v. 16).

Colaboração e reconhecimento

Aqui, aprendemos algo mais sobre o estilo de liderança de Daniel: ela é uma liderança cooperativa. Com a moratória garantida, Daniel voltou para casa "e fez saber o caso a Ananias, Misael e Azarias, seus companheiros, para que pedissem misericórdia ao Deus do Céu, sobre este mistério" (vs. 17 e 18). De-

veríamos sempre lembrar que o grupo de Daniel era um grupo de oração. Tal como é pungentemente apresentado no capítulo seis, a liderança de Daniel estava fundamentada na oração. E aqui, vemos que estava enraizada na oração partilhada. A pequena comunidade de fé, composta por quatro pessoas, uma igreja em casa, era fundamental para o Daniel como líder.

Quando o mistério lhe foi revelado numa visão de noite, Daniel deu o crédito, novamente em oração, também a seus companheiros: "A Ti, ó Deus de meus pais, eu Te rendo graças e Te louvo, porque me deste sabedoria e poder; e agora me fizeste saber o que Te pedimos, porque nos fizeste saber este caso do rei" (v. 23). Quando Daniel foi graciosamente recompensado por dizer ao rei o sonho e a interpretação, ele teve um pedido: que os outros três partilhassem da honra (v. 49). Daniel recebeu a vi-

são, mas deu crédito a quem era devido – seus companheiros de oração.

O segredo pode ser descoberto por uma pessoa, mas o crédito deve ser partilhado por todos os que investiram tempo e talento na busca de solução para o problema. Assim Daniel 2 nos habilita a identificar duas características da liderança excelente: colaboração e reconhecimento.

Para alcançar o mais alto padrão de excelência na liderança global, devemos considerar um ponto mais. O crédito final deve ser dado Àquele que mostra todos os caminhos e inspira toda verdadeira revelação. Quando Daniel foi conduzido ao expectante monarca, ouviu dele: "Podes tu fazer-me saber o que vi no sonho e a sua interpretação?" E respondeu: "O mistério que o rei exige, nem encantadores, nem magos nem astrólogos o podem revelar ao rei; mas há um Deus no Céu, o qual revela mistérios; pois fez saber ao rei o que há de ser nos últimos dias..." (Dan. 2:26-28).

Deus é o doador de toda boa dádiva. Líderes humanos não deveriam usurpar o crédito que Lhe pertence.

Ensino atual

Nessa narrativa, nós aprendemos importantes princípios de liderança. Aprendemos a emular a excelência do rei enquanto evitamos sua demagogia. E aprendemos a seguir o fino exemplo dos quatro jovens hebreus ao

exercerem uma liderança persistente, cooperativa, em fervorosa oração e com integridade. Esses líderes viveram no tempo do Império Babilônico, o reino da cabeça de ouro da estátua. Nós estamos liderando nos dias dos pés de ferro e barro, os reinos divididos depois do Império Romano.

Essas antigas lições de liderança são duráveis e capa-

zes para instruir os líderes crentes da atualidade. A lição mais importante da liderança global talvez seja a de que há um Deus nos Céus que alimenta os dons de liderança de todos quantos se voltam para Ele.

*Quando tentados
a censurar e ameaçar
nossos liderados, o que
realmente necessitamos
é louvar o amor de Deus
por Seus filhos.*

Como usar a BÍBLIA no sermão



ED CHRISTIAN

Ph.D., professor de Inglês e Bíblia na Universidade Kutztown, Pensilvânia, Estados Unidos

“Por que devo levar minha Bíblia à igreja? Não preciso fazer isso; meu pastor não a usa; apenas conta histórias”, questionam algumas pessoas. Como adventistas do sétimo dia, falamos de nós mesmos como sendo o povo da Bíblia. Será isso apenas na teoria? Infelizmente, em muitas igrejas, a Bíblia não é mais ouvida ou referida como deveria ser. Muitos pastores tentam substituí-la por sermonetes e histórias nada nutritivos. Conseqüentemente, há escassez da Palavra; fome da Palavra de Deus.

Como pode essa fome ser satisfeita? Um caminho é voltar a ler a Bíblia de modo significativo, claro e apelativo, como parte da liturgia. Para isso, existem técnicas fáceis de serem aprendidas, ensinadas e praticadas.

Ninguém precisa ler as Escrituras como um ator, com ênfase dramática e dicção espetacular. Na verdade, esse tipo de leitura chama atenção para o leitor, impedindo o Espírito Santo de trabalhar nos corações. Deveríamos evitar um estilo de voz usualmente identificado como formal, afetado e sem emoção. É preciso que desapareçamos, de modo que a Palavra de

Deus seja ouvida tão diretamente quanto possível. Importa que aceitemos e sintamos profundamente o que estamos lendo.

Preparação

Comunicar a mensagem bíblica através da leitura em voz alta requer o mesmo preparo de um sermão expositivo. O leitor precisa conhecer bem o texto a fim de que possa partilhar seu significado através de pausas e ênfases, especialmente aqueles que derivam do efeito que a passagem causa ou causou à pessoa que está lendo. Aqui estão cinco itens que devem ser considerados na preparação para a leitura pública das Escrituras:

- Ore, para que o Espírito Santo ilumine a palavra, guie sua própria compreensão na verdade, ajude-o a compreender o significado e a mensagem do texto.

- Leia a passagem repetidas vezes, até compreendê-la o máximo possível. Certifique-se de que compreende o contexto e os antecedentes básicos do texto.

- Identifique as dificuldades na passagem. Note o que pode estar confuso e difícil de ler, e prepare-se com isso em mente. Oração e repetição ajudam a clarear o que a princípio parece nebuloso.

- Compare sua compreensão do texto bíblico com o parecer de um ou dois comentaristas.

- Interprete o texto. Estude maneiras de comunicar seu significado simplesmente pela maneira como você o lê.

Leitura significativa

Há dois elementos fundamentais na leitura com significado. O primeiro é a ênfase, ou seja, acentuação de palavras ou frases importantes. Algumas vezes, elas podem ser termos-chaves como

substantivos ou verbos. Noutras, podem ser pronomes ou conjunções, tais como “e” ou “mas”. As palavras realçadas podem esclarecer dúvidas entre os ouvintes.

O segundo elemento é a pausa. Quase sempre existem palavras e frases na Bíblia, tão importantes que os ouvintes necessitam de tempo extra para processá-las. O leitor precisa descobrir onde a pausa é necessária. Vírgulas, dois pontos e ponto e vírgula indicam pausas de diferentes alcances. Essas pontuações freqüentemente indicam onde a pausa pode ser efetiva.

Talvez seja uma boa idéia fotocopiar o texto que você vai ler, e então marcar as partes que deseja enfatizar ou nas quais pretende fazer pausas, com cores diferentes.

Leitura cadenciada

Mesmo que você seja convidado a fazer uma leitura pública das Escrituras, e não tenha tido tempo de se preparar devidamente, há uma coisa muito importante que pode tornar a Palavra de Deus viva e eficaz na mente dos ouvintes: a cadência em sua leitura.

Nossa tendência é ler a Bíblia muito rapidamente. Certa vez, realizei um treinamento pessoal de tempo para leitura de alguns capítulos da Bíblia como João 18, Isaías 53 e I Coríntios 7. Primeiramente, tentei fazer a leitura na velocidade em que geralmente lemos em voz alta. Nessa velocidade, consegui ler entre 160 e 184 palavras por minuto. Então repeti a leitura, dessa vez a uma velocidade calculada para fazer aumentar a compreensão, colocando pausas nos lugares apropriados. Nessa vez, li de 102 a 125 palavras por minuto. A velocidade mais baixa aconteceu quando li a poesia de Isaías.

Tudo isso pode parecer até simplório, mas pode também fazer a diferença na captação ou não da mensagem bíblica em todo o seu significado e importância para o ouvinte adorador. Um pastor precisa tirar o máximo proveito de sua habilidade para tornar expressiva e impressiva a mensagem divina no coração e na mente dos seus ouvintes. Ademais, esse não é um trabalho mais exigente do que preparar um sermão. Nele residem a genuína bênção e a verdadeira obra do Espírito Santo. A maneira como você lê a Bíblia em público comunica, ou não, poder, convicção e encorajamento para a sua congregação. **M**

ADORAÇÃO ACEITÁVEL



HORNE P. SILVA

*D.Min., professor de teologia, jubilado,
reside em São Paulo, Brasil*

Um dos grandes enganos cometidos na área de liturgia é a idéia de que os hinos, as orações, leituras bíblicas e ofertas não passam de preliminares do sermão. O pastor, muitas vezes ansioso para começar a falar, fica impaciente, omite uma dessas partes, considerando-a de importância inferior. A realidade, porém, é que tudo o que acontece no culto deve contribuir para que os adoradores experimentem um real encontro com o Senhor Deus.

A principal função do culto adventista é a de ensinar aos seus adoradores como encontrar o Altíssimo, cada um por si mesmo, dentro de sua própria alma. A pessoa realmente adora a Deus quando participa dos elementos do culto, compenetrando-se genuinamente de tudo o que está acontecendo. É uma experiência pessoal com o Criador. Sempre que o culto for devidamente planejado, organizado e executado, o povo verá a "glória do Senhor encher a casa de Deus".

Com isso em mente, pretendemos analisar, neste artigo, os elementos componentes do culto.

Cada uma das partes do culto tem o seu lugar no propósito de conduzir os adoradores a um real encontro com Deus

A música

Desde os dias do Antigo Testamento, tanto o cântico vocal como a música instrumental desempenham importante papel no serviço de adoração. Disso dão testemunho os salmos e os livros das crônicas. Pouca coisa existe que eleve tanto o coração humano a Deus como a música sacra. Basta observarmos o que aconteceu durante a dedicação do templo de Salomão:

"E quando todos os levitas, que eram cantores, isto é, Asafe, Hemã, Jedutum e os filhos e irmãos deles, vestidos de linho fino, estavam de pé para o oriente do altar, com címbalos, alaúdes e harpas, e com eles até cento e vinte sacerdotes que tocavam as trombetas; e quando em uníssono, a um tempo, tocaram as trombetas e cantaram para se fazerem ouvir, para louvar ao Senhor e render-Lhe graças; e quando levantaram eles a voz com trombetas címbalos e outros instrumentos músicos para louvar ao Senhor, porque Ele é bom, porque a Sua misericórdia dura para sempre, então sucedeu que a casa, a saber, a casa do Senhor, se encheu de

uma nuvem; de maneira que os sacerdotes não podiam estar ali para ministrar por causa da nuvem, porque a glória do Senhor encheu a casa de Deus" (II Crôn. 5:12-14).

Tratando-se de assuntos de importância eterna, é essencial que se mantenha, com toda a clareza, o conceito do tremendo poder da música. Ela pode elevar ou degradar; pode ser usada a serviço do bem ou do mal. Estamos bem cientes de que nessa área existem muitas opiniões em conflito. Nesse caso, o que deveria fazer o ministro? Sugereiros agir por princípios, mesmo correndo o risco de não agradar a todos os grupos conflitantes.

A principal função da música na igreja é produzir e estimular as emoções que levam ao espírito de culto. Se não alcança esse propósito, a música perde o seu valor religioso. Também deve estar dentro da apreciação dos adoradores. Os membros de-



Eric Williams/Heber

vem compreender e sentir a música que cantam e ouvem, para responder espontaneamente. Ela deve satisfazer aos seus anseios e necessidades. Caso contrário, como veículo de adoração, é nula.

A música serve como meio para desenvolver, expressar e transmitir a fé evangélica. Se esse objetivo não for alcançado pelo ministério musical, alguma coisa deve estar errada. Outro fator de suma importância é que a música na igreja esteja em absoluta harmonia com a teologia adventista.

A música apresentada no culto deve ser a mais perfeita possível e de significado profundamente espiritual, devendo evocar pensamentos santos e elevados. Por isso deve-se ter muito cuidado na escolha das músicas que serão usadas durante o culto. Um hino de boa harmonia, com boa letra, bem interpretado, de forma simples, sem mudanças de ritmo, é muito eficaz para os serviços de adoração.

O canto dos hinos constitui-se quase a única parte do culto em que a congregação tem participação direta. Daí não ser aconselhável suprimir suas estrofes seja qual for o motivo. Devem ser cantadas todas as estrofes dos hinos e a congregação será altamente beneficiada. Além disso, os hinos devem ser cantados por todos. Se o canto deve ser um ato de adoração, necessariamente requer participação.

“O canto não deve ser executado apenas por uns poucos. Todos os presentes devem ser animados a unirem-se no serviço do canto. Há os que têm o dom especial do canto, e há ocasiões em que uma mensagem especial é comunicada apenas por um cântico ou por vários unidos no cantar. A capacidade de cantar é um dom de grande influência, que Deus deseja que todos cultivem e empreguem para a glória de Seu nome.” — *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 7, págs. 115 e 116.

O ato de cantar todos juntos constitui-se um poderoso agente em fundir a congregação num só coração e uma só voz.

As pessoas responsáveis por selecionar a música para cumprimento dos diversos propósitos da igreja deverão, em relação com suas escolhas e uso, exercer um elevado grau de discernimento. Em seus esforços por alcançar esses ideais, necessitamos algo mais do que visão humana. E o Senhor proveu-nos algumas diretrizes. Um resumo do que podemos extrair da Bíblia e dos escritos

de Ellen White, orienta-nos que a música na igreja deve ter as seguintes características:

- Glorificar a Deus e ajudar-nos a render-Lhe um culto aceitável (I Cor. 10:31).

- Enobrecer, elevar e purificar os pensamentos do cristão (Fil. 4:8).

- Influenciar positivamente o cristão, para desenvolver em sua vida e na de outros o caráter de Cristo (*Manuscrito 57*, 1906).

- Possuir uma letra cujos dizeres estejam em harmonia com os ensinamentos da Igreja (*Review & Herald*, 06/06/12).

- Revelar compatibilidade entre a mensagem expressa pelas palavras e a música, evitando a mistura do sagrado com o profano.

- Evitar apresentações suntuosas e teatrais (*Evangelismo*, págs. 137 e 138).

- Dar preeminência à mensagem do texto que não deve ser ofuscada pelos elementos musicais acompanhantes (*Obreiros Evangélicos*, págs. 357 e 358).

- Manter um judicioso equilíbrio entre os elementos emocionais, intelectuais e espirituais (*Review & Herald*, 14/11/1899).

- Jamais comprometer os elevados princípios da dignidade e da excelência nos esforços por alcançar as pessoas no nível em que se encontram (*Testemunhos Para a Igreja*, vol. 9, pág. 143).

- Ser apropriada para a ocasião, o ambiente e a audiência à qual se destina (*Evangelismo*, págs. 507 e 508).

A Palavra

Ao estudarmos as práticas do Antigo Testamento, verificamos que a leitura das Escrituras era a parte mais importante do culto. Entretanto, hoje em dia, esse costume quase desapareceu, o que é profundamente lamentável. A leitura da Palavra de

Deus deveria ser reavivada, pois nada há que produza maiores bênçãos para a congregação do que porções das Escrituras lidas com reverência.

A Bíblia é o livro supremo e principal do culto, devendo ser a parte central de nossa adoração. É a fonte para

meditação, louvor e oração. Sobre tudo, é a revelação da vontade de Deus em todo o tempo. Devemos usá-la de maneira mais eficiente e sábia no serviço de adoração. É indispensável que aprendamos e ensinemos outros a ler a Bíblia de maneira conveniente.

Antes de ir à plataforma, a pessoa indicada para ler uma passagem bíblica deveria lê-la várias vezes, descobrir o seu significado, para poder interpretar da melhor maneira possível o sentimento do autor, podendo assim flexionar devidamente a voz e expressar publicamente o propósito da mensagem. Essa é uma tarefa que deve ser feita com reverência e grande cuidado.

Ao lermos a Bíblia em público devemos lembrar que não estamos falando à congregação, mas é Deus quem o faz através de Sua Palavra. Por isso, precisamos ler as Escrituras com reverência e inteligentemente, sem afetação que chame a atenção para nós mesmos. Nesse caso, a situação é pior do que uma leitura mal feita. Jamais deveríamos indicar alguém para fazer essa parte no culto, simplesmente porque ele precisa fazer alguma coisa ou para ser-lhe agradável.

Uma prática espiritualmente benéfica é a leitura responsiva das Escrituras. Deve-se dar tempo para que todos encontrem o texto anunciado. Mesmo que ele esteja incluído no hinário, é preferível, por ser mais significativo, que seja lido na própria Bíblia; a menos que se tratem de vários textos selecionados impressos juntos. É bom lembrar

que nos tempos da dispensação judaica, quando a Palavra de Deus era lida nas sinagogas, toda a congregação permanecia de pé, em sinal de reverência. Nosso Senhor se-

guiu observando o mesmo costume. Ao entrar na sinagoga de Nazaré, “segundo o Seu costume, levantou-Se para ler” (Luc. 4:16)

Para que a leitura seja bem proveitosa, alimente o espírito de adoração e produza o desejo de recebimento das



bênçãos divinas, o pastor deve ser capaz de ler as porções bíblicas como fizeram os ministros no tempo de Neemias e Esdras: "Leram no Livro, na lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia" (Neem. 8:8). Segundo diz o verso nove, "o povo chorava", tão comovido ficou ao ouvir a leitura da Palavra.

Por isso, aconselhamos que o pastor ou a pessoa escolhida para a leitura da Bíblia leia com oração o texto várias vezes, a fim de que possa descobrir-lhe o sentido e transmitir à congregação de forma clara o que Deus quer revelar.

A oração

A oração é um elemento muitíssimo importante no culto. Essa é uma tarefa elevada e santa. A mais importante preparação que podemos fazer para desempenhar essa atividade, em primeiro lugar, é nos tornarmos prontos e abertos espiritualmente através da comunhão com Deus. Como pode alguém dirigir-se à presença de Deus, se ele mesmo não conhece o caminho? Sem comunhão tudo não passará de formalismo vazio e hipocrisia.

Temos a obrigação de pensar e nos preocupar quando oramos, porque estamos levando as pessoas à presença de Deus. Se tivermos verdadeiro espírito de oração, poderemos ver o milagre de vidas transformadas quando guiamos nosso povo na luz da presença do Senhor.

Se durante a pregação o ministro procura se tornar a voz de Deus falando ao povo, na oração em público, quem ora torna-se a voz que intercede pelo povo diante de Deus. Conscientes da grande responsabilidade da oração pública, devemos adotar certos critérios indispensáveis.

Não deveríamos estar apressados na oração. Antes de iniciar, devemos fazer uma pausa e esperar pelo silêncio da congregação. Então a iniciamos numa linha de pensamentos bem concatenados, linguagem simples, prosseguindo com dignidade e compostura, sem excitação. A linguagem na oração deveria ser a mais dignificante possível. Não deveriam ser usadas as mesmas expressões, frases feitas, chavões, repetições costumeiras. Torna-se cansativo ouvir semana após semana as mesmas palavras e expressões corriqueiras e batidas. Ler um bom livro devocional ou as gran-

des orações da Bíblia representa uma excelente ajuda.

A linguagem deve ser simples, mas bem clara. Deve-se dar ênfase aos verbos e substantivos mais do que aos adjetivos, linguagem florida e figurativa. As sentenças devem ser curtas e destituídas de complexidade, para que a oração seja mais comunicativa e facilmente acompanhada pela congregação. "Temos o privilégio de orar com confiança, ditando o Espírito nossas petições. Devemos declarar com simplicidade nossas necessidades ao Senhor... Nossas orações devem ser repassadas de ternura e amor... Não se exigem orações verbosas, com caráter de sermão, e que são fora de lugar em público." – *Obreiros Evangélicos*, págs. 177 e 179.



Além de simplicidade e clareza, a linguagem da oração deve ser caracterizada pela reverência.

Quem ora em público deve levar em consideração que os ouvintes estão com os olhos fechados e, portanto, o contato com eles é feito através da audição. Assim, o orador deve usar a voz com vantagens, transmitindo quietude, reverência e devoção, usando um tom mais grave, suave e audível. Não se deve fazer discurso na oração. Os excitações, veemências e tom ditatorial não têm lugar durante a prece. Quem ora não está dando ordens a Deus, mas buscando a Sua graça.

O pastor deveria tomar tempo em preparar-se para orar. Orações bem feitas, significativas e poderosas enriquecem o culto, além de ajudar os membros a fortalecer a prática da oração particular. Às vezes, há reclamações quanto ao fato de que os membros das igrejas não oram como deveriam. Pode

ser que o problema esteja no fato de o pastor não dar o exemplo quando ora em público, fazendo-o de qualquer maneira, sem esmero. Faça o pastor orações bem feitas e seus ouvintes serão inspirados a orar mais e melhor.

Quando alguém ora em público não está fazendo uma oração particular, mas liderando o povo em sua prece. Portanto, ela deve incluir necessidades comuns a todos da congregação, sem nada particular ou pessoal, a menos que tenha havido um pedido específico. Somente os desejos e necessidades dos ouvintes adoradores devem ser ouvidos na oração pública. Não sendo viável todos orarem ao mesmo tempo, uma pessoa orando em nome de todos promove ordem e evita confusão.

Os pronomes "nosso" e "nós", conforme usados na oração modelo ensinada por Jesus, indicam que na oração pública uma pessoa é escolhida para falar, orar por toda a congregação. Por isso é inteiramente fora de lugar usar tratamento na primeira pessoa.

Nenhum ministro nem qualquer outra pessoa deveria fazer sua devoção particular no altar público. Seus sentimentos pessoais são grandemente irrelevantes para tal ocasião. A mente do pastor, ao orar em público, deve estar focalizada sobre a congregação. Sua voz é a voz da igreja. Ele deve perder sua identificação pessoal e tornar-se um intercessor do povo.

"Todos devem considerar um dever cristão ser breves na oração. Digam ao Senhor exatamente o que querem, sem rodeios. Na oração particular, cada qual tem o direito de orar o tempo que lhe aprouver e de ser minucioso tanto quanto desejar... Uma reunião regular de adoração a Deus não é o lugar de expor os assuntos particulares do coração." – *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 274.

Orações longas geralmente abrangem grande variedade de assuntos que têm muito pouco a ver com o serviço de culto e com as necessidades dos adoradores. Os ouvintes ficam cansados e alegram-se quando se diz o "amém". Orações longas deveriam ficar confinadas ao nosso aposento particular.

Há quatro tipos de oração no culto. Uma delas é a oração pastoral, intercessória pela congregação. Ela deve incluir uma nota de adoração por Sua santidade e grandeza, gratidão, reconhecimento dos laços familiares da

casa de Deus, petição por Suas bênçãos, expressão de submissão à Sua vontade, confissão, intercessão pelas necessidades de todos e dedicação.

Além da oração pastoral, também temos a oração invocatória. É uma prece para invocar as bênçãos sobre o culto e os adoradores. Nunca deveríamos pedir a presença de Deus, na oração invocatória. É um pedido ilógico e antibíblico, pois a presença de Deus é uma realidade em todos os lugares (Sal. 139:7 e 8). O que devemos pedir é que nós estejamos em condições de estar em Sua presença. Deve ser curta, objetiva e apropriada.

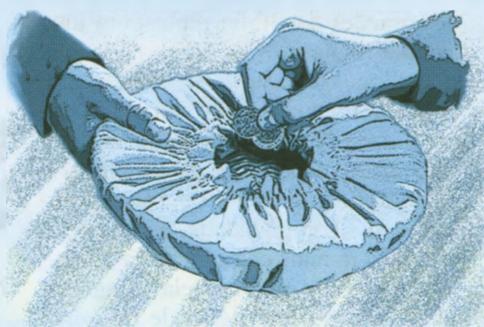
Já o propósito da oração ofertória é consagrar as dádivas que foram oferecidas a Deus e apresentar-Lhe agradecimentos pelas bênçãos derramadas sobre o Seu povo. Como na oração invocatória, o propósito é preciso e claro: pedir as bênçãos sobre as ofertas e os adoradores, o que pode ser feito numa sentença.

Finalmente, existe a última oração, chamada por muitos de bênção final. Seu propósito depende muito da natureza do sermão. Se este mostrou a misericórdia de Deus, essa oração deveria consistir mais de agradecimento. Se falou sobre o pecado, ela deveria ser mais precisamente de confissão e consagração. Após um sermão sobre o amor de Cristo, a oração final deveria ser de dedicação.

Mas a oração final não deve se tornar um resumo do sermão. Alguns pregadores parecem querer aproveitar a ocasião para recuperar o que deixou de fazer na apresentação da mensagem. Ela deve ser curta, específica, e feita da melhor maneira possível. É uma parte solene do culto; a última palavra falada aos adoradores. Cada sentença deve ser cuidadosamente construída com bons pensamentos, a fim de selar com boa impressão o encontro tido com Deus.

A oferta

Em muitos lugares, a impressão que se tem é que a oferta não passa de uma simples arrecadação de fundos, independentemente do ato de adoração. A oferta deveria ser uma dedicação de nossa vida, de nós mesmos, dos nossos meios a Deus. Esse é um importante passo na verdadeira experiência de culto. Ela deve representar a dedicação de tudo o que somos e temos ao nosso Criador.



O ato de dar ofertas é um ato de adoração, que deve ser efetuado com reverência e alegria, sem constrangimentos. Nenhuma dádiva compra o favor de Deus. Essa oferta deve ser uma expressão exterior de uma atitude interior. É uma espécie de linguagem. No culto, a quantidade é medida pela oferta da viúva pobre, que deu apenas “duas pequenas moedas”, mas deu mais do que todos porque seu coração estava na dádiva (Mar. 12:42-44).

O sermão

Um elemento dominante no culto é o sermão. Às vezes se troca completamente a ênfase de um culto de adoração para um serviço de pregação. Mas o culto não é necessariamente pregação; e certos tipos de pregação são tudo menos adoração. Diminui-se as outras partes do culto transformando a igreja em um auditório em vez de um santuário.

O sermão deve ter seu lugar corretamente colocado no culto, e para que ele possa fazer parte do culto de adoração, deve ser um encontro entre Deus e Seu povo. E o pregador deve ser a voz de Deus expondo as Escrituras. Pode-se dizer que um consagrado ministro, um pregador cheio do Espírito Santo, é como se fosse Deus confrontando com a humanidade. No plano divino, o sermão não é simplesmente alguma coisa boa feita por um homem bom. Não é meramente uma palestra teológica ou bíblica. Não é um comentário de even-

tos correntes. Um sermão é Deus revelando-Se, alcançando-nos e nos apelando para uma tomada de decisão. Isso somente é possível através de mensagens da Palavra de Deus.

Por isso, Paulo instruiu Timóteo: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela Sua manifestação e pelo Seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (II Tim. 4:1 e 2).

Segundo Ellen White, “nessas incisivas e fortes palavras, torna-se patente o dever do ministro de Cristo. Ele tem de pregar a ‘palavra’, e não as opiniões e tradições dos homens, não fábulas apazíveis ou histórias sensacionais, para mover a imaginação e despertar as emoções. Não deve exaltar-se, mas, como na presença de Deus, colocar-se perante o mundo a perecer, e pregar a palavra. Não deve haver nenhuma leviandade, nenhuma frivolidade, nenhuma interpretação fantasiosa; o ministro deve falar com sinceridade e profunda seriedade, como uma voz vinda de Deus a expor as Sagradas Escrituras. Cumpre-lhe oferecer aos ouvintes aquilo que é de maior interesse para seu bem presente e eterno”. – *Obreiros Evangélicos*, pág. 147.

Em suma, Deus ordenou que a adoração seja atraente, bela e inspiradora. Não vamos confundir humildade com

mau gosto, desleixo. A adoração se

destina a ser uma experiência agradável na vida dos fiéis. Não é ideada para

debilitar, mas para fortificar. Deve nos tornar felizes e nos dar segurança, agora, e nos preparar para o Céu. “Deus ensina que devemos congregar-nos em Sua casa, a fim de cultivar as qualidades do amor perfeito. Com isto, os habitantes da Terra serão habilitados para as moradas celestiais que Cristo foi preparar para os que O amam.” – *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 34.



UMA PARCERIA BENÉFICA



JUAN MILLANA O.

D.Min., reitor da Universidade Adventista do Chile

A educação teológica adventista, ou a formação para o ministério, consiste na formação do caráter e a preparação para o desempenho da missão partilhada por Jesus Cristo à Sua Igreja, segundo Mateus 28. Esses objetivos podem ser melhor compreendidos e alcançados quando se estabelece uma sociedade entre os pastores e professores do seminário e os pastores conselheiros do Campo; incluindo-se aí o secretário ministerial ou um pastor de experiência sob cuja orientação o aspirante ao ministério é indicado para trabalhar.

Visão adventista

Como é a educação teológica na maior parte dos seminários não adventistas? A abundante literatura atual expõe a preocupação de que ela seja meramente funcional; uma tendência que, na verdade, não é nova. A ênfase funcional já estava presente, tanto na formação ministerial como em sua prática, nos dias do ministério de Ellen White. Em 1899, William R. Harper, um educador hebraico, fundador da Associação de Educação Religiosa dos Estados Unidos, e um dos fundadores da Universidade de Chicago, publicou seu chamado a uma exaustiva reforma

A formação de um ministro não pode ser tarefa exclusiva dos professores no seminário. A eles devem se unir pastores experientes, que já atuam nos Campos

na educação teológica.¹ Para esse autor, a educação teológica deveria preparar o ministro para realizar um trabalho pastoral local efetivo.

Ellen White, contemporânea de Harper, propôs uma formação ministerial com alcance e visão muito maiores. No marco da filosofia religiosa da educação que caracterizou seus escritos, ela afirmou que a formação ministerial é um empreendimento que transcende os tempos, alcançando a eternidade. Também escreveu que os estudantes continuariam alunos por toda a eternidade.² Portanto, a Sra. White concebia a formação ministerial como parte de um processo mais extenso da educação cristã; este último compreendido como sendo equivalente ao processo de salvação.³ De um modo mais específico, Ellen White escreveu que a formação ministerial obedece a dois objetivos principais: 1) A formação do caráter; e 2) o cumprimento da comissão evangélica.⁴

Tendo em vista que, para Ellen White, a educação é um meio para se alcançar um fim, e que seu fim não é outro senão o desenvolvimento do caráter, duas importantes implicações podem ser mencionadas. A primeira é que a formação ministerial não pode ser uma tarefa exclusiva dos professores de teologia.⁵ Esses professores, mesmo que possam iniciar formalmente a educação teológica e encabeçá-la por um período de tempo, ela transcende seus esforços e possibilidades reais.

A segunda implicação é que outros agentes qualificados poderiam somar-se à tarefa de formar ministros religiosos adventistas. Visionariamente, Ellen White propõe que pastores de experiência no campo de trabalho sejam os agentes que devem se associar aos professores de teologia nessa importante tarefa.⁶ Estamos falando de uma sociedade formal entre os dois grupos: pastores e professores. Talvez, essa seja uma forma efetiva de tornar realidade o desafio que a Sra. White assinalou para os seminários adventistas, no sentido de que o trabalho desses seminários seja diferente do que o que se observa nos seminários seculares.⁷

Razões para a sociedade

Que condições representam a justificativa para a existência de uma sociedade entre pastores e professores, em prol da formação ministerial? Existem pelo menos três razões para isso.

Primeiramente, observa-se que as situações que levam um pastor a abandonar o ministério, ou que redundam na retirada de sua credencial pastoral, geralmente são assuntos relacionados com o caráter.

Depois, olhando desde outro ponto de vista, tanto os pastores do Campo como os do seminário se encontram na mesma escola de Cristo, em relação ao desenvolvimento do caráter.

Em terceiro lugar, essa sociedade é favorecida pelo fato de que existe um

vínculo natural entre pastores e professores do seminário. Tal situação é explicada pelo fato de que, seguindo as instruções de Ellen White, os professores do seminário são oriundos do Campo, foram escolhidos tendo em vista possuírem uma significativa experiência cristã e ministerial.⁸

A sociedade entre pastores do seminário e os pastores conselheiros do Campo, em caráter de sugestão, deveria ter o seguinte conteúdo:

1. Faz-se necessária uma intencionalidade de pensamento e ação, que seja traduzida em contatos formais regulares, em uma agenda a tratar, nos conteúdos e atitudes a serem transferidos aos aspirantes ao ministério.

2. Nas reuniões formais de estudo e oração, poderiam ser estudados o perfil de sua personalidade; o perfil do jovem pastor na sociedade atual; alcances e limitações das matérias do currículo do bacharelado, características das práticas pastorais da missão experimental, etc.

Conselheiros e aspirantes

Do ponto de vista do desenvolvimento do caráter, é possível destacar as seguintes considerações:

O que se busca não é um aspirante ao ministério à semelhança do pastor conselheiro, mas à semelhança de Cristo. Isso requer humildade. O Espírito Santo é o grande motivador e o único capaz de transformar uma pessoa. O conselheiro facilita; não substitui a obra do Espírito.

Devemos lembrar que os hábitos e o caráter são de mais importância que as qualificações literárias,⁹ e que o que um indivíduo pensa é mais importante do que o que ele faz.¹⁰

Tanto o conselheiro como o aspirante*estão conscientes de que os caracteres na Bíblia não foram apresentados como brilhantes ou isentos de defeitos. Os escritores bíblicos, sob a direção do Espírito Santo, no-os apresentam com seus defeitos e virtudes.

Se um aspirante ao ministério é um projeto de Deus e da Igreja para os próximos 35 anos, então, os critérios pelos quais será avaliado não devem ser apenas resultados quantitativos, mas o conteúdo do seu caráter.

Outrossim, esta é uma sociedade que acontece em um marco familiar, no qual os pastores de vasta experiência

recebem esperança e força dos jovens; e estes recebem sabedoria para viver a vida e desenvolver seu trabalho com vistas à glória de Deus e benefício da humanidade.

Trata-se de uma sociedade com projeções eternas, cujos sócios o serão por toda a eternidade. Mais que uma sociedade como a “lua de mel” do casamento, é a prática conjunta do romance do ministério. Ali são retransmitidos os princípios de um ministério eficaz e eficiente. Uma sociedade tão forte que ocorre, não porque o aspirante confia no conselheiro, mas porque existe confiança mútua. É uma sociedade de tal natureza que vai além de simples cooperação, interdependência e harmonia. Equivale à formação do caráter de ambos.



Considerações práticas

A educação teológica básica (bacharelado) é somente o ponto de partida na formação ministerial. Quatro ou cinco anos de estudo no seminário habilitam um jovem para ingressar como aspirante ao ministério ou como pastor associado, sob a supervisão de um pastor conselheiro. Os requerimentos para que os estudantes de teologia recebam uma completa preparação para o ministério, nestes anos iniciais, poderiam ser uma evidência de um conceito distinto do que foi divulgado por Ellen White com respeito à educação teológica.

A disciplina é necessária para a alma humana. A obrigatoriedade é necessária para a disciplina. O conselheiro facilita a decisão do aspirante ao mi-

nistério em relação ao dever de assumir uma determinada disciplina na vida.

O conselheiro assinala os efeitos perniciosos dos maus hábitos sobre caracteres geralmente bons. Uma única mosca pode fazer “o unguento do perfumador exalar mau cheiro” (Ecl. 10:1).

Olhando sob uma perspectiva tríplice, as conquistas de um conselheiro na vida do aspirante ao ministério podem ser:

- Teológicas, ou seja, habilidade para aplicar a Palavra às situações da atualidade, tanto nos estudos bíblicos como nas pregações.

- Estéticas – sua apresentação pessoal, higiene, personalidade da família. Mais importante que o rosto é a expressão do caráter cristão.

- Éticos, isto é, uma vida à semelhança de Cristo tanto na comunidade religiosa como na secular.

Outras conquistas mais importantes são uma Bíblia bem marcada, estante com livros, sistema de arquivo, filhos pastoreados, esposa envolvida nas atividades da igreja, com prudência, discrição e tato.

O caráter do aspirante não apenas é a chave para a sua vida, mas também para seu trabalho.

A guerra entre o bem e o mal não o faz mudar de opinião a respeito do ministério, mas o leva a permitir que o Espírito Santo o transforme à semelhança de Cristo.

A formação ministerial adventista precisa de pastores e professores que, sob a direção do Espírito Santo, possam trabalhar pelo crescimento do ministério em geral, especialmente os jovens pastores;

pelo desenvolvimento do caráter e uma participação cada vez mais eficaz e eficiente na missão de pregar o evangelho de Jesus.

Referências:

1. William R. Harper, *American Journal of Theology*, 1899, págs. 45-66.
2. Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 413.
3. Juan Millanao, *An Evaluation of the Concept of Seminary in Mission with Reference to the Latin-American Adventist Theological Seminary*, 1992, págs. 55-59.
4. *Ibidem*, pág. 60.
5. Se bem que Ellen White escreveu em 1912 que a quantidade de ministros no Campo dependeria da quantidade de professores que pudessem preparar novos pastores, seu conselho quanto a conseguir um ministério mais preparado incluiu outros agentes, junto aos professores nos colégios.
6. Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 76.
7. *Idem*, pág. 209.
8. Ellen White, *Testimonies for the Church*, vol. 6, págs. 134 e 135.
9. *Idem*, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 77.
10. *Idem*, *A Fé Pela Qual Eu Vivo*, pág. 222.

O MISSIONÁRIO EXCÊNTRICO



Divulgação

MANOEL XAVIER DE LIMA

*Pastor jubilado, reside em
Artur Nogueira, São Paulo, Brasil*

Em virtude do seu temperamento, um misto de colérico, melancólico, sanguíneo e fleumático, o reformador Lutero (séc. 16) denominou Jonas de “o santo esquisito”. Na verdade, se levarmos em conta o seu comportamento instável, Jonas assemelha-se ao Israel antigo. E, por tabela, a nós, o Israel moderno. A grande cidade de Nínive representa a seara missionária de todas as épocas. Jonas é o maior livro missionário do Antigo Testamento.

O termo esquisito possui um duplo significado. Mas, ao utilizá-lo em relação a Jonas, Lutero se referiu a um indivíduo fora do comum, do tipo raro, excêntrico e egoísta. Entretanto, é bom não nos apressarmos a criticar o profeta, porque cada ser humano é um retalho desse homem. Os ministros também o são.

Dados biográficos

Fora do seu livro, pouco sabemos sobre a vida de Jonas. No segundo livro dos Reis (14:25), temos a informação de que ele era filho de Amitai e era profeta. Teria nascido no século 18 a.C., em Gate-Hefer, nas terras de Zebulon, Galiléia. Em Mateus 12, Jesus mostra aos fariseus, ávidos por milagres, o milagre de Jonas como sinal de um grande

milagre. E compara os três dias do profeta no ventre do grande peixe com os três dias que passaria no túmulo.

Para aqueles que normalmente condenam ou criticam Jonas por sua atitude rebelde e desafiadora para com Deus, essa menção de Cristo é altamente honrosa para o temperamental evangelista profeta. Isso, portanto, a despeito de suas fraquezas humanas. Jonas amava profundamente a Deus e confessava-Lhe seus pecados e faltas (Jonas 2).

Nínive

A cidade de Nínive é mencionada pela primeira vez em Gênesis 10:11. Estava situada na margem oriental do Rio Tigre, a Leste de Jerusalém. O monarca Senaqueribe (séc. 7 a.C.) fê-la capital da Assíria, mas foi destruída pelos persas no ano 612 a.C. A metrópole, em forma de trapézio, era a maior de seu tempo. O seu perímetro era de mais ou menos cem quilômetros. Há quem diga que sua população aproximava-se de um milhão de habitantes, contando mulheres e crianças. Contudo, a maioria dos estudiosos calcula aproximadamente seiscentos mil.

Os pecados de Nínive assemelhavam-se aos dos antediluvianos, sodomitas e gomorranos: idolatria (adoração ao deus Dagon, que era uma figura exótica; parte peixe, parte homem), corrupção, violência, extorsão, imoralidade sexual e outros. Enfim, desprezo

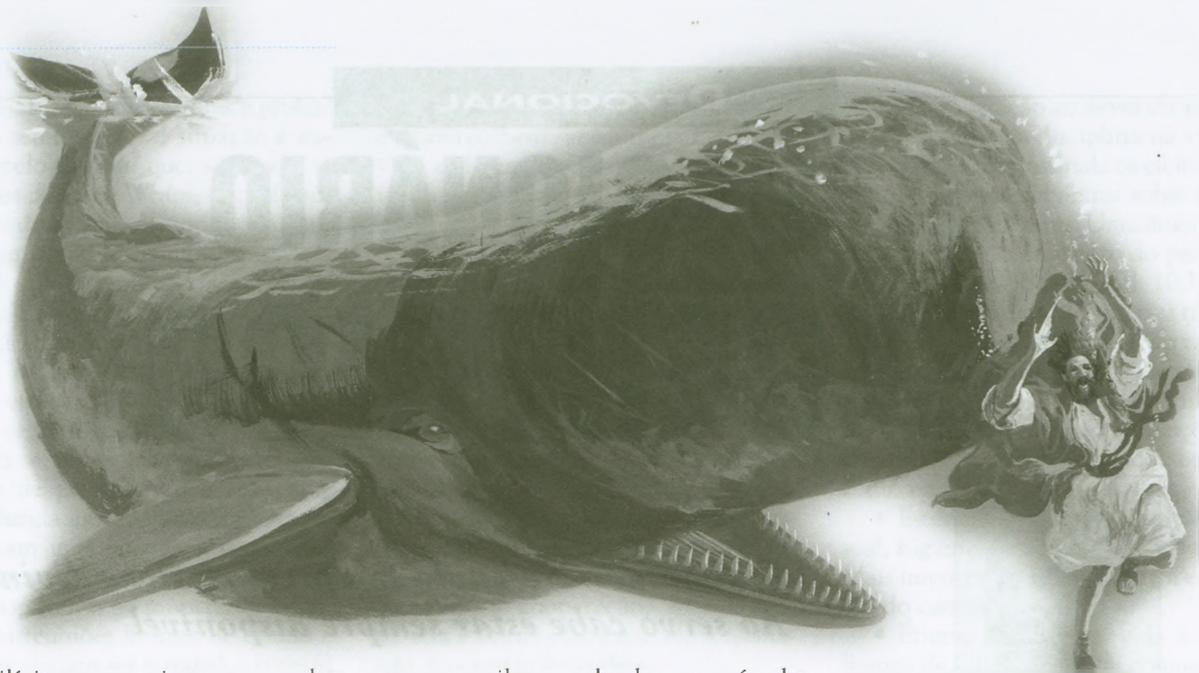
generalizado ao verdadeiro Deus e aos ditames de Sua santa Lei. Em nada diferente do mundo moderno. Não mais temos o deus Dagon, mas temos outros substitutos. Daí a razão precípua da recusa de Jonas evangelizar Nínive.

Para o profeta, os ninivitas mereciam a mesma recompensa: ser subvertida, sumariamente exterminada. Jonas, no entanto, em seu zelo subversivo, esqueceu dois axiomas teológicos: primeiro, Deus não faz uso de um determinado padrão de juízo para nações, grupos ou pessoas. Segundo, Ele é onisciente. Sabia de milhares de ninivitas que aceitariam o evangelho de salvação, caso lhes fosse dada oportunidade.

As lições

Fugir é perigoso. Jonas foi comissionado por Deus para fazer uma campanha de evangelismo público em Nínive. Viaria em direção ao atual Iraque, antiga Babilônia. Mas, por sua iniciativa, desviou-se do itinerário em direção à região de Tartesus, Társis, Sul da Espanha. Foi como se um missionário moderno, enviado para a Janela 10/40 (Ásia/África), se desviasse para uma viagem de lazer nas praias de Miami, Estados Unidos, ou do Nordeste brasileiro.

Penoso preço Jonas pagou por sua esquisitice, cabeça dura, desobediência e orgulho próprio. Um ministro de hoje, mais do que em outros tempos, facilmente pode ser levado pelo roldão da fuga pecaminosa, lançando-se a ne-



gócios ilícitos com vistas a complementar o salário pastoral; a fuga do assédio sexual; a fuga do descontrole financeiro pessoal, etc. E ter como consequência natural o descrédito do rebanho e o sofrimento da família.

Sono em tempo de crise. Jonas (1:5-15) é literalmente um oobreiro arrasado; auto-humilhado. No auge da tempestade em alto mar, com a tripulação jogando a carga no mar para salvar a embarcação, ele dormia profundamente no porão. A versão bíblica latina da Septuaginta diz que Jonas “roncava” (v. 5). O comandante do navio desceu ao porão, e, talvez, não muito polidamente acordou o missionário dorminhoco. “Qual a tua ocupação?” “Que se passa contigo?” “Invoca o teu deus!” Que perguntas cortantes para um réu confesso! Que vexame para um servo de Deus! Que áurea oportunidade para pregar àqueles marujos sequiosos de conhecimento do Deus de Jonas!

Mas o missionário estava com o moral no porão da vida, e o senso de missão abatido. O drama da vergonha culminou com o lançamento do fracassado profeta ao mar. Ser interrogado em juízo, sofrer vaias em praça pública, tortura, prisão ou a própria morte por causa da pregação do evangelho representam uma elevada honra. Mas, sofrer tudo isso por negligência ao cumprimento do santo ofício, é uma ofensa ao Senhor da missão. Uma negação do honroso título de ministro do evangelho.

Recaída

No capítulo quatro, Jonas parece esquecer as agruras pelas quais passou no

mar, o milagre salvador através do grande peixe, a segunda chance ofertada por Deus, ou seja, um segundo comissionamento, e a espetacular vitória do evangelho em Nínive. Como uma criança emburrada, passou a contestar o seu benfeitor, Deus, por haver permitido a salvação da cidade, como se ele fosse o primeiro-ministro do governo de Deus. E pediu a própria morte.

Alguns “Jonas” atuais se revelam quando não são reeleitos ou eleitos para cargos pretendidos na Igreja. Não é à toa que Lutero chamou Jonas de “o santo esquisito”. Jonas comportou-se exatamente como o irmão mais velho da parábola do filho pródigo (Luc. 15), que protestou veementemente contra a volta do irmão mais novo e a festa do pai, comemorativa do regresso do filho perdido.

O Dr. Charles L. Feinberg, teólogo, em seu livro *Os Profetas Menores*, à página 148, pondera: “Jonas é como muitos hoje em dia: acham que poderiam governar o mundo muito melhor que Deus... ele se achava mais zeloso do juízo acerca de Nínive do que de sua salvação. Ele supunha conhecer melhor do que Deus o curso certo.”

Alguns “Jonas” de hoje sentem-se donos da verdade e da sabedoria. Criticam os líderes da igreja local e os da administração da

Igreja. Se estivessem em seus lugares, pensam e dizem, fariam melhor. “Criticar aqueles que estão fazendo a Obra é o mesmo que criticar a Jesus que os chamou”, diz Ellen White.

A apoteose

O terceiro capítulo do livro é a apoteose evangelística de Jonas em Nínive, naturalmente sob o patrocínio do Espírito Santo. Foi a maior campanha de evangelismo público, no menor tempo – apenas três dias –, com a maior abrangência e o maior resultado. Com as características, o estilo e os recursos didáticos utilizados, não existem similares, nem antes nem depois, até os nossos dias. A conversão foi em massa; do mais modesto à casa real.

Que tremenda lição para Jonas e para os demais missionários de todos os tempos, em todos os lugares, inclusive os do século 21. É preciso nos conscientizarmos, de uma vez por todas, que o chamado e o envio são prerrogativas exclusivas de Deus, sem consulta prévia. Ao missionário, cabe apenas estar disponível. Sempre. 



Ilustrações: A. Rios

CRISTIANISMO SEM BARREIRAS



JOHN M. FOWLER

Ed.D., diretor associado de Educação da Associação Geral da IASD

O livro do Apocalipse retrata a cena do ajuntamento final: “Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos” (Apoc. 7:9).

“Quem são e de onde vieram?”, pergunta um dos 24 anciãos. A resposta não identifica as pessoas de acordo com sua nacionalidade, raça, cor, tribo, casta, seu gênero, *status* ou qualquer outro limite a que nós estamos acostumados aqui na Terra. A resposta é simples, mas profunda: “São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro” (v. 14).

A lavagem no sangue do Cordeiro é um fator que representa a âncora da unidade cristã. Qualquer indivíduo que tente alterar esse companheirismo construindo outro fator para definir a unidade cristã não pode ser um cristão. Alguém pode até definir o relacionamento humano em termos de superioridade ou inferioridade, exclusivismo, inclusivismo; mas um cristão não tem opção. Também poderia explorar outro

Todo ato discriminatório contra pessoas é uma dessacralização do coração e alma do evangelho

ser humano ou esmagar uma comunidade, alimentando e usando preconceitos sociais, nacionalistas, econômicos, religiosos, tribais, de casta ou gênero, mas um cristão não deve; nem pode.

Para o cristão, a abordagem dos relacionamentos interpessoais está baseada não sobre o que os seres humanos podem conquistar, mas no que Deus criou, tornou possível e determinou.

O que Deus ordenou

A Bíblia começa com o que Deus ordenou para a afinidade humana: “Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gên 1:27). Como poderiam os cristãos reclamar uma origem comum na atividade criativa de Deus e ao mesmo tempo afirmar superioridade de uns sobre outros, destruindo assim a possibilidade de companheirismo e unidade?

Como podem os adventistas guardadores do sábado, como um memorial da atividade criativa de Deus, praticar ações que negam a igualdade entre os seres humanos? O relato da criação, no Gênesis, não nega as diferenças entre as pessoas. Na verdade, ele afirma as diferenças óbvias entre homem e mulher. Desde a queda, o pecado tem manchado a imagem de Deus e imposto sua própria alienação não apenas entre Deus e o homem, mas entre os seres humanos. O pecado acentua negativamente diferenças tais como cor, gênero, casta, nacionalidade, credo ou tribo. Mas o desafio de aceitar a Deus

como Criador é rejeitar essas diferenças e reafirmar a igualdade humana.

Paulo fala dessa igualdade original no sermão pregado em Atenas: “De um só fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da Terra...” (Atos 17:26). Não podemos ignorar o significado dessa afirmação feita a uma audiência composta por gentios. Ela nos diz que o Deus Criador do cristão não é uma deidade de culto local, mas o soberano do Universo. Ele ordenou que partilhemos um sangue comum e uma origem comum.

O que Deus possibilitou

A entrada do pecado no mundo frustrou o ideal de Deus relacionado com a unicidade do ser humano. A pergunta que Ele dirigiu a Caim: “onde está Abel, teu irmão?” foi, na realidade, uma projeção do fato de que onde quer que o pecado reine, haverá divisão entre Deus e o homem e entre as pessoas.

Mas Deus não deixou a humanidade sem um remédio efetivo para o separatismo. Pois, “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, ... nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gál. 4:4 e 5).

As expressões “nós” e “recebêssemos a adoção de filhos” colocam por terra todas as barreiras e fronteiras. O Filho veio para tornar-nos filhos de Deus, dando-nos o privilégio comum de nos aproximarmos dEle, clamando “Abba, Pai”. O Espírito Santo preser-

vou para nós, nos evangelhos e em todo o Novo Testamento, exemplo após exemplo de que as divisões dentro da família humana são estranhas ao pensamento cristão. Isso é observado na genealogia de Jesus, na maneira como ele Se relacionou com as pessoas e em alguns princípios fundamentais do Seu reino.

A genealogia de Jesus. Os judeus gostavam muito de preservar sua linhagem e valorizar grandemente a pureza da raça. De um sacerdote esperava-se que descendesse de uma linhagem pura de Arão. Sua esposa deveria ser pelo menos da quinta geração. A um povo tão consciente de sua linhagem, Mateus escreve sobre a genealogia de Jesus Cristo, proclamando-O não como um Messias parvoal, mas como um redentor universal cuja missão era restaurar o desígnio original do Criador.

Mateus menciona quatro nomes entre os ancestrais do Salvador: Bate-Seba, uma hitita; Rute, a moabita; Tamar e Raabe, cananitas. Todas mulheres, gentias e pecadoras. A manjedoura de Belém nos diz que a antropologia bíblica não discrimina macho ou fêmea; judeu ou gentio. Todos são filhos de Deus.

Jesus e o povo. O ministério de Jesus Cristo O colocou em contato com todo o espectro da sociedade. O príncipe jovem rico ou o leproso caído na rua; Nicodemos ou a mulher siro-fenícia, o fariseu ou os gregos. Através do Seu ministério Ele derrubou muros que separavam as pessoas.

As barreiras de parentesco foram golpeadas quando Cristo definiu quem eram Seus irmãos, irmãs e Sua mãe, identificando-os como “qualquer que fizer a vontade de Meu Pai celeste” (Mat. 12:50). Jesus olhou além da carne e do sangue, e colocou todas as pessoas no altar da prioridade divina.

Barreiras políticas também foram banidas por Jesus Cristo. Entre os doze havia Simão, o zelote, que pertencia a um partido que considerava ser uma honra matar um romano, e um privilégio assassinar um judeu que trabalhasse para o governo romano. Todavia Jesus, levou Simão a aceitar Mateus, um coletor de impostos, portanto, um funcionário romano.

As paredes ocupacionais de separação ruíram quando Jesus escolheu pescadores como Seus discípulos e mais

tarde chamou um fariseu de fariseus para ser Seu apóstolo ao mundo gentio.

Semelhantemente, as barreiras de classe caíram quando Jesus buscou Zaqueu, permitiu-Se ungir por uma alienada Maria Madalena, falou com Nicodemos e misturou-Se com pecadores e publicanos. Jesus quebrou os muros entre santos e pecadores, maus e justos. Não fez isso persuadindo os santos a participarem no estilo de vida dos pecadores, ou por levá-los a minimizar ou ignorar a seriedade do mal. Ao contrário, Ele fez isso em obediência ao que dita o amor, que recupera a vida moribunda, perdoa o pecador, apaga o pecado, cura o doente, salva o perdido.

Preconceitos de casta foram removidos para fora dos muros de Samaria. A mulher samaritana tinha três coisas contra ela: era uma mulher, era uma pecadora e era samaritana. Mas Cristo derrubou cada um desses muros preconceituosos e lhe mostrou que “circunstância alguma de nascimento ou nacionalidade, porém, nenhuma condição de vida, pode desviar Seu amor dos filhos dos homens”.¹

O ministério de Cristo não oferecia espaço às barreiras sociais. William Barclay aponta que os muros entre judeus e gentios eram tão grandes que “a filha de um israelita não podia cuidar de uma mulher gentia durante o parto, pois estaria ajudando a trazer ao mundo uma criança idólatra”.² E todavia, na Fenícia, Jesus curou a filha de uma mulher gentia que estava à beira da morte (Mat. 15:21-28).

O ministério de Cristo na Fenícia teve o mais abrangente propósito de advertir todas as gerações de cristãos para o fato de que “o espírito que ergueu a parede separatória entre judeus e gentios, está ainda em atividade. ... qualquer discriminação é aborrecível a Deus. É-Lhe desconhecida qualquer coisa dessa natureza. Aos Seus olhos, a alma de todos os homens é de igual valor. ... Sem distinção de idade ou categoria, de nacionalidade ou de privilégio religioso, são todos convidados a ir a Ele e viver”.³

As barreiras nacionais foram removidas quando Cristo respondeu à necessidade do centurião romano (Mat. 8:5-13). Ele mostrou disposição não apenas para curar o servo doente, mas também para ir ao lar do centurião, algo que nenhum “bom” judeu teria feito. Há também o testemunho da

compaixão que Ele demonstrou para com os gregos (João 12:20-30). Para um judeu, entrar na casa de um gentio ou tocar um gentio era uma fonte de contaminação. Para Jesus, entretanto, a necessidade humana era o Seu mandamento; a compaixão era Sua atitude, e cura total era o Seu objetivo. Nada mais importava.

Jesus e Seu reino. Não apenas através da maneira como Ele Se relacionava com o povo, mas também no estabelecimento do Seu reino, Jesus revelou Sua nova ordem das relações humanas baseada no valor do indivíduo como visto através dos olhos de Deus. Isso pode ser visto, entre outras coisas, através da prescrição do novo mandamento, a instituição da Ceia do Senhor, a cruz e a grande comissão.

O novo mandamento. Quando Jesus falou do novo mandamento de amor (João 13:34), a novidade não se referia ao amor, mas ao seu objeto. As pessoas sempre amaram; mas amaram o que ou quem era amável e querido. Jesus, entretanto, introduziu um novo fator: “... assim como Eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.” Isso quer dizer que, justamente tão indiscriminado, tão universal, tão sacrificial e tão completo como é o amor de Jesus, assim deve ser o nosso amor. O novo amor não ergue barreiras; ele é inclusivo. Dessa qualidade de amor “dependem toda a lei e os profetas” (Mat. 22:37-40).

O mandamento para amar nossos vizinhos não deixa lugar para modificações. Não selecionamos quem vamos amar; somos chamados para amar todas as pessoas. Como filhos do Pai, devemos amar cada indivíduo.

O verdadeiro amor vai muito além da cor da pele e confronta a humanidade da pessoa; recusa abrigar-se sob castas, mas contribui para enriquecimento da alma; liberta o destino humano do holocausto filosófico da coisificação. Com efeito, o verdadeiro amor vê em cada face a imagem de Deus.

A Ceia do Senhor. “Porque nós, embora muitos”, escreveu Paulo, “somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão” (I Cor. 10:17). O pão e o vinho são símbolos do corpo quebrantado e do sangue derramado de Jesus, que trouxeram reconciliação vertical e horizontal. Um relacionamento de reconciliação e um companheirismo em unidade são a

demonstração mais visível do poder do sangue de Jesus. O conceito de família de Deus, incluindo Seus filhos pródigos que necessitam de nosso amor, nossa atenção e nosso interesse pode ser visto à mesa do Senhor. Assentar-se alguém à essa mesa e ao mesmo tempo discriminar qualquer ser humano é praticar uma dessacralização do coração e alma do evangelho, ou do que significa ser parte da família de Deus. É diametralmente oposto à natureza de Deus e à qualidade prática e transcendente do Seu amor.

A cruz. Como instrumento divino de redenção e reconciliação, a cruz traz de volta o que foi perdido no Éden: a restauração da imagem de Deus com a realidade da unicidade e unidade humana, entre outras coisas. Ao pé da cruz, o chão é um terreno plano onde toda a humanidade é uma em pecado e uma em possibilidade de redenção.

Na cruz, “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (II Cor. 5:19). “A cruz é o melhor quadro que Deus pinta de Si mesmo; ... É o lugar onde Deus vem lutar com as forças que violam Seu amor; torna-se o lugar onde Ele atrai a humanidade em harmonia com o amor e os propósitos que fluem dela. ... A reconciliação homem a homem, através da reconciliação do homem com Deus, liberta Seu poder curador neste ansioso, quebrado e rançoso mundo. Somente indivíduos redimidos podem reconciliar.”⁴

A cruz nos desafia para uma nova perspectiva na vida: “... daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne...” (II Cor. 5:16). A cruz iniciou um novo sistema de valores. Os critérios de avaliação de uma pessoa, originados depois da queda – raça, gênero, cor, linguagem, casta, tribo, cultura, dinheiro, posição social – foram removidos com o Calvário. Os cristãos entraram em um novo mundo de valores que fluem da cruz.

Essa nova criação de Cristo requer que todo membro da comunidade da fé viva apenas por um papel básico de realidade interpessoal: amor; tal como expresso na vida de Cristo. Como Schaeffer tão eloquentemente estabelece, “o amor – e toda unidade que ele atesta – é a marca que Cristo imprimiu para os cristãos usarem diante do mundo. Somente com essa marca o mundo pode saber que os cristãos são

realmente cristãos e que Jesus foi enviado pelo Pai”.⁵

A grande comissão. Tanto a grande comissão (Mar. 16:15 e 16; Atos 1:8) como a mensagem de Apocalipse 14:6-12 visam à criação de uma família mundial. Evangelismo é o antídoto de Cristo contra o preconceito dentro da igreja. Onde há um forte programa de evangelismo e fervor para conduzir pessoas a Jesus Cristo, aí haverá um sentimento universal por homens e mulheres de todo tipo.

Os verdadeiros evangelistas vêem o mundo inteiro como sua paróquia e não conhecem fronteiras e restrições que dividem comunidades. Pedro foi a Cornélio, Paulo foi a Antioquia, Filipe correu a Samaria, Filemon voltou para encontrar Onésimo. O sangue de Jesus é a tinta com a qual o acordo de fraternidade é escrito, e o evangelista amplia esse acordo a fim de conquistar o mundo para Jesus Cristo.

Mandato divino

Em parte alguma o mandato de Deus em relação à unidade do Seu povo é tão fortemente argumentado como quando Paulo escreve aos efésios, instando-os ao companheirismo. À Igreja foi dada a responsabilidade de manter unidade e dignidade neste mosaico cultural chamado corpo de Cristo (I Cor. 12:12 e 20).

Na carta aos efésios, Paulo medita em admiração sobre a natureza da Igreja, “constituída de judeus e gentios, asiáticos e europeus, escravos e livres – todos símbolos de um mundo despedaçado que foi restaurado à unidade em Cristo”.⁶ Foi destruída “a parede da separação” pelo Homem da cruz (Efés. 2:14).

Essa verdade histórica o domina com tão indescritível senso de alegria que ele a considera nada menos que a obra de toda a Divindade. Na verdade, na extraordinária conclusão de Efésios 2, Paulo menciona Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo como arquitetos da maravilhosa unidade que deve caracterizar a Igreja cristã, composta de personalidades de todos os matizes.

Por sua vez, o apóstolo Paulo chama essa unidade um “mistério”, e usa essa palavra sete vezes (Efés. 1:9; 3:3, 4 e 9) para sublinhar a sua natureza divina. O mistério, diz Paulo, é que “os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo

corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho” (Efés. 3:6). Concebido na mente de Deus, completado pelo ministério reconciliador de Cristo, esse mistério de uma nova humanidade sem qualquer parede separatória é privilégio e desafio de todo cristão. Ele requer de nós três coisas:

Primeira, consciência da unicidade do companheirismo cristão. Paulo argumenta em Efésios 2 e 3 que de dois, judeus e gentios, Cristo fez um. A equação do evangelho é 1 + 1 = 1. Isso é insustentável em matemática ou lógica, mas nesse assunto o mistério do evangelho transcende a matemática e a lógica.

Esse evangelho é um mistério e realisticamente aguarda o impossível. Ele autoriza a criação de uma nova humanidade que deve aceitar a indivisibilidade da pessoa humana; “Dessarte, não pode haver judeu nem grego... nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gál. 3:28).

Segunda coisa, conscientização de que embora existam diferenças entre as pessoas, essas diferenças não devem permitir a redução do valor e dignidade de qualquer indivíduo. O sentimento de intolerância é anticristão e, portanto, é uma conduta inaceitável em alguém que diz viver pelo evangelho.

Finalmente, o poder do mistério deveria permear nosso íntimo de tal forma que nossos relacionamentos sejam governados por sua dinâmica. As palavras de Paulo devem se tornar a âncora de nosso privilégio e o desafio de nosso ministério: “...os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho; do qual fui constituído ministro...” (Efés. 3:6 e 7). E, ao proclamarmos e vivermos esse evangelho, um de uma classe mais outro de outra classe sempre somarão um em Cristo. 

Referências:

1. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 194.
2. Mishnah tractate Abodah Zarah 2.1, citado em William Barclay, *Ethics in a Permissive Society* (Londres: Collins, 1971), pág. 189.
3. Ellen G. White, *Op. Cit.*, pág. 403.
4. *The Interpreter's Bible* (Nashville: Abington Press, 1980), sobre Gálatas 4:5.
5. Francis Schaeffer, *The Mark of the Christian* (Londres: InterVarsity Press, 1970), pág. 35.
6. *The SDA Bible Commentary* (Hagerstown, Md: Review and Herald, 1980), vol. 6, pág. 995.

PREGUE COM LIBERDADE



WALTER MUELLER

D.Min., pastor presbiteriano em Legget, Carolina do Norte, Estados Unidos

Pregar não é fácil; o que é fácil é arranjar desculpas para não investir o tempo necessário preparando o sermão. Sempre há outras coisas para fazer. Mas eu creio que a pregação é prioritária. Jubilei-me faz alguns anos, e quando não estou pregando costumo visitar, com minha esposa, várias igrejas. Eu já tinha ouvido queixas sobre a qualidade da pregação atual, mas não tinha idéia de que era tão lastimável.

Em um dia de Páscoa, fomos a uma igreja, com muita expectativa. Estava superlotada; foram necessárias cadeiras adicionais para o povo. Enquanto o pastor estava pregando, dei uma olhada no auditório. Vi algumas pessoas com olhos fechados, mas que não estavam orando ou meditando. Outras estavam lendo o boletim. E havia outras que faziam o que eu estava fazendo – observavam as pessoas.

A única mensagem comunicada por todos era “que coisa mais enfadonha!” Pude então compreender por que muitas daquelas pessoas talvez não voltariam à igreja até o Natal. Certamente

A única coisa que um pastor necessita a fim de pregar sem anotações é coragem para tentar fazê-lo

demorariam para esquecer a provação daquela manhã.

É um pecado aborrecer alguém, especialmente com o evangelho. Mas isso é o que alguns pregadores fazem todo o tempo em que eles assumem o púlpito. Pergunte aos ouvintes. Ou, melhor, pergunte às pessoas que já não se dispõem a ouvi-los. Muitas responderão, sem hesitar, que o motivo pelo qual não vão mais à igreja é que tudo é muito enfadonho. E, se você insistir, certamente admitirão que a parte mais entediante é o sermão.

Ouvindo isso, alguns pregadores podem se colocar na defensiva e apontar culpados em muitas direções. O primeiro culpado que encontram é o ouvinte: “ele não é espiritual”, dizem. Ou justificam sua incapacidade para cativar a congregação, dizendo: “eu não estou aqui para entreter. Estou aqui para pregar o evangelho.” Outras vezes, tais pregadores tentam fugir à culpa de pregarem sermões enfadonhos, transformando-se no objeto de piedade da igreja: “você não compreende a minha carga de trabalho durante a semana; não tenho bastante tempo para preparar o sermão.”

Talvez haja elementos de verdade em cada uma dessas respostas, mas devemos compreender que Deus nos cha-

mou para ser pregadores. Equipou-nos para pregar, ao fazer habitar em nós o Seu Espírito Santo. Ele espera que façamos o nosso melhor na condução das Suas boas novas. Eu até diria que, se o “melhor” que estamos fazendo é um sermão repetidamente enfadonho, deveríamos considerar com seriedade se Deus realmente nos chamou, ou não, para pregar. Não digo isso para desencorajar, mas para nos animar no esforço de fazer o nosso melhor e jamais nos satisfazermos com a mediocridade.

Qual é a razão para esse problema? Donald G. Bloesch responde: “Muitos pastores primeiro deixam de estudar; então oram. João Calvino insistia que o estudo é quase tão importante quanto a oração. Esse estudo, além do mais, deve estar vinculado à Bíblia, como fundamento de uma sólida teologia, com a ajuda de um bom e atual comentário das Escrituras.” – *Christianity Today* (Cristianismo Hoje), 05/02/01, pág. 54.

Questão cultural

Mas, seria justo direcionar toda crítica ao pregador? Porventura não é nossa cultura, pelo menos parcialmente, defeituosa nesse sentido? Não temos mudado, com o passar dos anos, nossas expectativas com respeito ao que o pas-



tor deve fazer com o seu tempo? No fim do século 19, dos pastores era esperado investir grande parte do seu tempo preparando-se para pregar. Hoje, os anciãos locais e muitos administradores que vêem o pastor mergulhado em livros, provavelmente pensam que ele está sendo ocioso e negligenciando outras tarefas importantes.

Talvez, o dedo acusador também devesse ser apontado para os seminários. Afinal, é sua a tarefa de ensinar aos pastores sobre a importância da pregação. Se observarmos o catálogo de um seminário, veremos que as matérias são tantas e tão variadas que talvez seja possível graduar um aluno com muito pouca coisa aprendida sobre pregação. E o que dizer do que realmente é ensinado sobre o assunto?

Portanto, a culpa não pode ser atribuída apenas ao pregador. No entanto, em última instância, ela cairá sobre ele, caso não faça alguma coisa para desenvolver sua habilidade para pregar.

Pregação sem notas

Uma das melhores maneiras de tornar a pregação mais comunicativa e interessante é dominar a arte de pregar sem anotações. Como isso pode ser feito? Se o problema é que os pregadores per-

deram o senso de primazia da pregação, a solução é recuperá-lo. Daí, a questão: Como sabemos que a pregação conquistou primazia em nosso ministério? Um sinal disso é que o coração e a mente do pregador estão de tal forma embebidos pela Palavra de Deus, que ele a respira, medita sobre ela, vive sob seu poder. Em qualquer tempo que for chamado a pregar, está pronto a deixar que o Espírito fale através de suas palavras.

O pregador que se levanta atrás do púlpito, olha a congregação e prega sem anotações durante 20 ou 30 minutos, impressiona seus ouvintes com a idéia de que o que está sendo dito é de importância capital.

Estou fazendo uma experiência sobre pregação sem anotações. Quero discutir a importância de alguém ser hábil para comunicar desembaraçadamente sem tal dependência. Há significativas razões para desenvolver essa habilidade. Mesmo uma pessoa que aparentemente não tem facilidade para memorizar, é capaz de desenvolver a habilidade para falar à congregação totalmente livre desse cativo.

É fácil dizer: "não posso fazer isto; não é coisa para mim! Depois de tudo, há muitas forma legítimas de ir ao púl-

pito e pregar." Em lugar de subestimar a possibilidade de pregar sem notas, disponha-se a uma abordagem mais positiva e diga a si mesmo: "talvez eu possa."

Lembre-se do que Deus disse a Moisés: "Quem fez a boca do homem?... Não sou Eu, o Senhor? Vai, pois, agora, e Eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar" (Êxo. 4:11 e 12).

Semelhantemente, lembre-se de sua própria experiência ouvindo, em algum lugar do passado, alguém amarrado às anotações, ou lendo o sermão palavra por palavra. Qual foi a sua reação? Têdio? Talvez até houvesse outras reações. Uma de minhas respostas poderia ser: "Se ele necessita ler a mensagem, não sabe o assunto muito bem." Ou, "se ele necessita ler a mensagem, não está muito entusiasmado com ela". São duas reações negativas; e, ao apresentarmos o evangelho, certamente não desejamos causar tais reações entre os ouvintes, a fim de que não rejeitem o que apresentamos e cremos de todo o coração.

*Deus nos
chamou para
ser pregadores.*

*Para isso,
equipou-nos
com o Espírito
Santo. Ele
espera que
façamos o nosso
melhor.*

Sermão escrito

A prática de ler um sermão possui muitas desvantagens. Primeira, destrói o senso de urgência e excitação que ele deve ter. Um sermão deveria brotar da Palavra de Deus e do profundo ser do pregador, de seu coração, mente e alma. Se nasce também de uma página impressa, isso tende a interferir na transferência do senso de excitação do pregador para o ouvinte.

Karl Barth certa vez escreveu: "... quando os sinos soam chamando a congregação e o ministro para a igreja, paira no ar uma expectativa de que alguma coisa grande, crucial, monumental mesmo, vai acontecer." – *The Word of God and the Word of Man* (A Palavra de Deus e a Palavra do Homem), pág. 104.

A leitura de um sermão destrói o contato visual entre o orador e o ouvinte, tão importante para a efetividade da comunicação real. O pregador que é capaz de fazer uma pausa enquanto olha

diretamente nos olhos da congregação é um pregador que sempre manterá o necessário nível de interesse. O pregador que é capaz de permitir que seus olhos passem pela congregação, em vez de se fixarem no papel, manterá um contato visual, impossível de acontecer se ele estiver olhando para cima e para baixo o tempo todo.

Pregadores que lêem o sermão algumas vezes correm o risco de se perderem ou não entender bem o que escreveram. Já ouvi um bom número desses colegas que, quando isso acontece, voltam e lêem de novo todo um parágrafo para apanhar o fio da meada. Isso causa um efeito negativo nos ouvintes.

Outro problema enfrentado no caso que estamos considerando é que frequentemente seus sermões são gemas literárias. E isso é problema? Pode ser.

*Um sermão
deveria brotar
da Palavra de
Deus e do
profundo ser
do pregador,
de seu coração,
mente e alma.*

Um sermão deve ser uma comunicação viva, direcionada à mente e ao coração de alguém através dos ouvidos. Uma gema literária é para os olhos. A palavra escrita pode ser saboreada, lida e relida, o que não pode ser feito com a palavra falada. Ou o ouvinte capta o significado pela primeira

vez ou perde esse significado. Se ele pára a fim de saborear o que foi dito, o que será dito em seguida será perdido.

Os pregadores que escrevem todo o sermão defendem sua prática, argumentando que desejam usar precisamente as palavras certas. Eu acho que é possível usar as “palavras certas” mesmo quando pregamos sem anotações ou sem escrever totalmente o sermão.

Outra justificativa é que os sermões escritos protegem contra a incoerência e a desconexão. Pode até ser um argumento legítimo, mas quando um sermão é devidamente preparado, o pregador não sucumbe a essa tentação.

Outros contestam afirmando que, para pregar sem notas, precisam memorizar o sermão e que isso é inaceitável, por diversas razões: levaria muito tempo

para fazê-lo, um sermão decorado soa decorado, etc. Nenhuma dessas razões são realmente válidas. Há maneiras de pregar sem anotações ou manuscritos e ainda usar palavras escolhidas no estudo feito pelo orador, sem que elas estejam conscientemente memorizadas.

Há pregadores que são hábeis para pregar usando manuscritos sem conservar o rosto afundado nas anotações. Alguns são tão bons nisso que a congregação geralmente nem percebe que eles estão lendo o sermão. Ora, nesse caso, o pregador conhece tão bem o conteúdo do sermão, que o manuscrito torna-se desnecessário. Se esses pregadores tentassem pregar sem as anotações, experimentaríamos tal liberdade que nunca mais voltariam a usá-las. Se um pregador é bom usando um manuscrito, será melhor se ele for deixado de lado.

O que dizer de pregação com anotações resumidas? Devemos admitir que seria melhor que ler todo o sermão, mas ainda acredito que algo está faltando, se realmente queremos captar e manter a atenção dos ouvintes.

Quando Jesus pregou o Sermão da Montanha, Ele não confiou em anotações ou manuscritos. Quando Pedro pregou seu grande sermão no dia de Pentecostes, não o leu. Quando Paulo falou aos atenienses no encontro do Areópago, é muito improvável que tenha usado anotações.

Minha primeira vez

As bem conhecidas palavras de Franklin Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, se aplicam a muitas situações incluindo os pregadores resistentes a abandonar suas anotações: “A única coisa de que tenho medo é de ter medo.” A verdade é que o temor é a única razão substancial que nos detém. O medo de esquecer, de incapacidade e de embaraço, nos imobiliza e nos priva de experimentar a leveza e a efetividade de pregamos desamarrados de anotações.

Paradoxalmente, foi uma forma de temor que me fez compreender que poderia pregar sem notas. Durante sete anos, eu tinha pastoreado uma pequena igreja. Com 27 anos, era então candidato ao pastorado de uma congregação mais expressiva à qual me apresentei para que os membros me conhecessem. Cheguei cedo à igreja e fiz o que era um hábito: fui ao púlpito, pelo menos pensei que era, abri a Bíblia que lá se encontrava, na passagem sobre a

qual iria pregar, e coloquei o esboço na página seguinte. Deixei-os lá.

O culto teve início. No momento designado, o solista foi cantar no local que pensei ser o púlpito, onde havia deixado minhas anotações. Somente então compreendi que aquela igreja tinha duas espécies de púlpitos. Apenas um deles continha uma Bíblia. Este era utilizado pelos cantores. O outro, sem a Bíblia, era o do pregador. Eu tinha deixado meu esboço no púlpito dos cantores.

Fui golpeado pelo temor. Entendi que tinha três opções: poderia ir ao púlpito dos cantores, apanhar o esboço e voltar ao do pregador. Infelizmente, esse “trajeto” revelaria minha ignorância à congregação. Por outro lado, poderia pregar do púlpito dos cantores. Mas, ao fazer assim, mostraria àquela sofisticada e culta congregação que eu não era o pastor que eles queriam ter.

A terceira opção era pregar no devido púlpito, sem notas. Foi isso que escolhi. O medo levou-me a fazer o que eu tinha resistido fazer até aquela manhã. E a congregação decidiu que eu seria o seu pastor.

A única coisa que um pastor necessita para pregar sem anotações é coragem para tentar. Gostaria de partilhar como preparo meus sermões para apresentá-los dessa maneira. Devo advertir que, no início, o processo é consumidor e difícil. Depois se tornará mais fácil e os resultados serão mais que gratificantes.

Oito passos

1. Reconheça que todo bom sermão tem apenas um ponto principal. Quando você escolhe seu texto, decida que parte desse texto você quer enfatizar. Uma boa sugestão é escrever uma sentença que expresse o tema, ou objetivo que você deseja alcançar em sua mensagem.

Recentemente, completei uma série de sermões sobre os apóstolos, começando com Tiago, filho de Alfeu. Ele é um dos doze a respeito de quem o Novo Testamento fala virtualmente nada. Minha declaração-tema poderia ter sido formulada da seguinte maneira: “Neste sermão, desejo informar a congregação que, à semelhança da maioria de nós, Tiago, o Filho de Alfeu, embora fosse um membro do seletivo grupo dos seguidores de Jesus, conhecido como apóstolos, permanece desconhecido para nós. Entretanto, isso de alguma forma diminui seu valor aos olhos de Deus.”

2. Desenvolva um esboço tendo como centro a declaração ou frase-tema. Todas as idéias secundárias devem contribuir para o desenvolvimento do tema principal. Ordinariamente, é melhor fazer o esboço diretamente a partir do texto. No caso desse sermão sobre Tiago, não há texto. Tudo o que nós temos é seu nome.

A declaração-tema sobre Tiago me dá dois pontos seguintes: 1) Ser desconhecido não significa não ter importância; e 2) ser desconhecido não é falta de privilégio. Note a simplicidade do esboço; ele não precisa ser complicado para ser profundo. Evite a tentação de querer impressionar seus ouvintes com seu conhecimento e habilidade para usar palavras difíceis. O propósito da pregação é comunicação e você será mais capaz de fazer isso usando termos simples. Quer sua congregação seja constituída por fazendeiros ou Ph.Ds., procure ser simples.

3. Desenvolva cada um dos pontos secundários. Considerando que nada se sabe sobre Tiago, destaquei o fato de que ele era importante, não porque tivesse feito qualquer coisa, mas por causa do seu relacionamento com Jesus Cristo.

Isso foi ilustrado pela referência a outras pessoas desconhecidas no Novo Testamento. O nome da mulher que ungiu o Mestre na casa de Simão, o fariseu, não é mencionado na Bíblia, mas Jesus disse que onde quer que o evangelho seja pregado ela será lembrada, por causa do seu ato sacrificial de amor. No último capítulo da carta aos romanos, Paulo se refere a uma mulher cujo nome era Febe. Nada sabemos a seu respeito, a não ser que Paulo lhe confiou a remessa da carta. Sua importância reside no fato de que ela foi fiel no desempenho de sua tarefa. Muitas pessoas, em todo o mundo, têm sido transformadas pela carta de Paulo à igreja romana.

Também me referi a uma mulher que encontrei na seção religiosa de uma loja de livros usados. Em nossa conversa, ela disse alguma coisa para mim, aproximadamente 17 anos atrás, que afetou não apenas minha vida mas também o meu ministério. Não sei o seu nome, mas ela proporcionou um elemento importante a meu desenvolvimento espiritual.

Tiago não apenas foi importante, mas foi também privilegiado. Ele ou-

viu Jesus pregar, viu-O curar doentes e ressuscitar mortos. Viu o Cristo ressurreto. A profundidade do seu privilégio é encontrada em uma declaração no livro do Apocalipse, que poderia ser facilmente considerada insignificante. Em sua visão do Céu, João viu que a cidade eterna tem doze fundamentos sobre os quais estavam gravados os nomes dos doze apóstolos. Tiago não tinha a personalidade de Pedro ou o fervor do outro Tiago, a quem Jesus chamou "filho do trovão", mas ele foi privilegiado por ter seu nome incluído entre os demais.



Eric Heiber

Na conclusão, a ênfase foi colocada na importância e no privilégio de ser um cristão comum. Nossos nomes também estão escritos no Céu. É nosso relacionamento com Jesus, não nossa fama, que é mais importante.

4. Escreva todo o sermão. Essa é uma parte importante do processo que não deve ser omitida. Escrever o sermão, palavra por palavra, ajuda a imprimi-lo na mente.

5. Leia e releia o que escreveu seis ou sete vezes durante a preparação para a apresentação da mensagem. A cada leitura podem ser feitos refinamentos e mudanças.

6. Tome todo o material escrito e o reduza a um esqueleto ou esboço, contendo apenas os realces das principais idéias do sermão. Isso levará cerca de uma hora. O propósito desse procedimento é fixar posteriormente o conteúdo do sermão em sua mente.

Ao seguir esse processo, acontecerão algumas coisas. Primeira, com um esforço normal, você terá memorizado o ponto principal do sermão. E, mais do que isso, também terá memorizado os pontos secundários e muitas das palavras-chaves que você pensa serem importantes para a comunicação do tema da mensagem.

7. Pregue o sermão. Meus sermões geralmente duram 25 minutos. Se um ouvinte acompanhar meu manuscrito enquanto eu prego, verá que raramente há variações. As frases afinadas estão ali. Todavia, os sermões não parecem decorados. Sei disso porque as pessoas regularmente têm comentado que meus sermões têm um tom conversacional e que eu pareço falar diretamente a cada uma delas, individualmente.

Falar sem manuscrito ou notas me permite manter contato visual constante com os membros da congregação.

8. Deixei este item por último, não porque seja o menos importante, mas justamente porque é o mais importante. Refiro-me à oração.

Através de todo esse processo, é difícil para nós lembrarmos que o poder da pregação não está apenas nas palavras, no estilo, técnicas escolhidas, mas no Deus e Salvador a quem procuramos glorificar através de nossas palavras. Portanto, ore.

Uma questão ainda pode dominar nosso pensamento: "O que acontecerá se eu esquecer alguma coisa?" Não se preocupe. Se você confia em Deus para assuntos que envolvem a eternidade, confie nEle também durante a meia hora em que estiver no púlpito. Ao lado disso, esteja preparado.

Você pode ficar surpreso a respeito da quantidade de tempo necessária para o preparo do sermão. Repito, é um tempo consumidor, mas altamente gratificante. Quando você fizer a primeira experiência, nunca mais vai querer voltar a usar anotações. E quanto mais você pratica o método, gastará menos tempo. **M**

Crescimento De Igreja

**SEMINÁRIO
DE ATUALIZAÇÃO
PARA PASTORES
EVANGÉLICOS**

**AO VIVO
VIA SATÉLITE
PARA AMÉRICA
DO SUL
TV - ADSAT**

05/SET/2002

9:00 - 12:00 HORAS

Participe deste seminário

Como parte do conhecido *Projeto Preach*, a Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana realizará mais um Seminário de Atualização para Pastores Evangélicos. O evento será transmitido via satélite, para toda a América do Sul, diretamente de Nova Friburgo, RJ, no dia 5 de setembro, a partir das 9h00.

As palestras focalizarão o tema "Crescimento de Igreja". O sinal do satélite chegará aos locais que tenham antena parabólica digital 3,30 m (Banda C) e através do canal 15 de TV a cabo Tecsat.

Segundo o Pastor Jonas Arrais, secretário ministerial associado da DSA, o envolvimento de pastores distritais, administradores e secretários ministeriais dos Campos e Uniões é fundamental para o êxito do programa. Auditórios de hotéis, escolas, até mesmo capelas de sedes administrativas das Associações e Missões podem ser utilizados para receber pastores convidados de outras denominações e adventistas.

O Pastor Arrais também chama a atenção para um conselho de Ellen White, no qual fundamenta a idéia do seminário: "Temos uma obra a fazer por ministros de outras igrejas... Nossos ministros devem buscar aproximar-se dos ministros de outras denominações. Orai por esses homens e com eles, por quem Cristo está fazendo intercessão."

Missão Nordeste capacita anciãos

Durante os dias 23 e 24 de março, 600 anciãos de igrejas e diretores de congregações da Missão Nordeste participaram, com as respectivas esposas, de um encontro para capacitação realizado na Sede de Acampamentos Mardunas, a 40 km de Natal, RN.

Organizado pelo Pastor Gilberto Nunes Ludugério, secretário ministerial do Campo, o I Concílio de Anciãos da Missão Nordeste serviu para orientar os parti-



Parte dos líderes presentes ao encontro da Missão Nordeste

Divulgação

cipantes sobre procedimentos administrativos e ministeriais. Isso foi feito através de seminários em grupos liderados pelos Pastores Ludugério, Miquéias Meira (tesoureiro), Antônio Brito (diretor J.A.), Levi Florêncio (diretor de Mordomia Cristã) e Silas Gomes, novo presidente da MN, que foi apresentado ao grupo durante o evento.

O contingente feminino foi assistido pela Professora Cristina Florêncio, diretora do Ministério da Mulher. As mensagens espirituais foram apresentadas pelo Pastor Zinaldo A. Santos, editor de *Ministério*.

Projeto Chama

Prioridade evangelística da União Nordeste, Natal será palco de uma grande investida missionária, o *Projeto Chama*, com participação dos Pastores Alejandro Bullón e Jonas Arrais, além de uma equipe composta de 45 alunos do terceiro ano teológico do laene, liderados pelo Pastor Emílio Abdala, professor de evangelismo. As atividades serão desenvolvidas ao longo do ano, e, segundo Abdala, terão algumas bases definidas: "Vai ter duração de um ano. Será enfatizado o evangelismo relacional, procurando fortalecer a integração dos interessados com os membros da igreja e haverá um

grande envolvimento comunitário. Há também uma preocupação com a espiritualidade da igreja e a conservação dos novos membros." O objetivo é batizar duas mil pessoas neste ano, na capital potiguar.

O projeto ainda prevê o fortalecimento dos pequenos grupos na região, organização de equipes de oração intercessória e contratação de obreiros bíblicos do próprio distrito onde for realizado o evangelismo, para que trabalhem antes, durante e depois das conferências. "Quando temos obreiros bíblicos da mesma comunidade dos novos convertidos, os laços de amizade e compromisso são mais fortes, e a permanência dos que forem batizados é maior", confirma o professor Abdala.

A primeira parte do plano já foi executada, durante a Semana Santa, com a participação evangelística do Pastor Arrais, na igreja central de Natal.

Oração de um pastor

*Incandesce, ó Senhor, em nosso peito,
O carvão de nossa tão sublime vocação.
Dá que permaneçamos chamejantes
Perante os olhos Teus
E diante dos nossos semelhantes.
Dá que o poder ardente do Espírito de Deus
Sempre viva sustente
A chama de Teu corpo ministerial.
Permite que se inflamem
Os músculos, os ossos, veias e artérias,
Queimando, assim, as fibras de nosso coração.
Capacitando-nos para cumprir
De nosso ministério, a sagrada missão.
E seja tudo para honrar-Te, glorificar-Te,
A Ti, Jesus Senhor,
E por amor.
Amém!*

Jose Alfredo Torres Pereira

HUMOR

SINCERIDADE



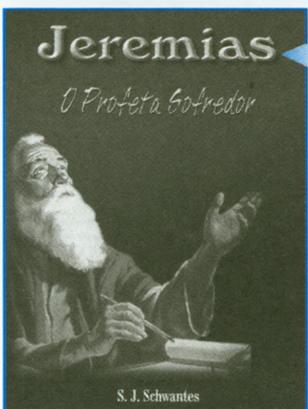


SEU AMIGO O ESPÍRITO SANTO –

Morris L. Venden, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP; Tel. (15) 250-8888; 128 páginas.

sac@cpb.com.br

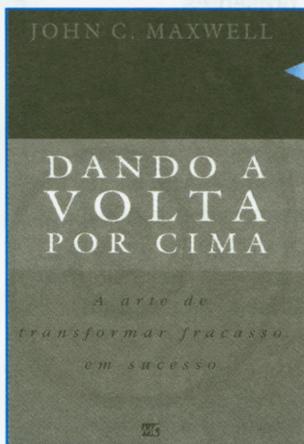
Um dos mistérios da Bíblia diz respeito à função e ao trabalho do Espírito Santo. Nos escritos do Novo Testamento, um mistério não é algo totalmente inexplicável, mas alguma coisa que pode ser compreendida por aqueles que já são instruídos. Neste livro, Morris Venden, autor de vários livros, introduz o leitor ao tema da misteriosa atuação do Espírito Santo.



JEREMIAS O PROFETA SOFREDOR –

Siegfried Júlio Schwantes, União Central-Brasileira da IASD, Caixa Postal 101, CEP 13160-000 Artur Nogueira, SP; Tel. (19) 3877-9000, 220 páginas.

ucb@org.br



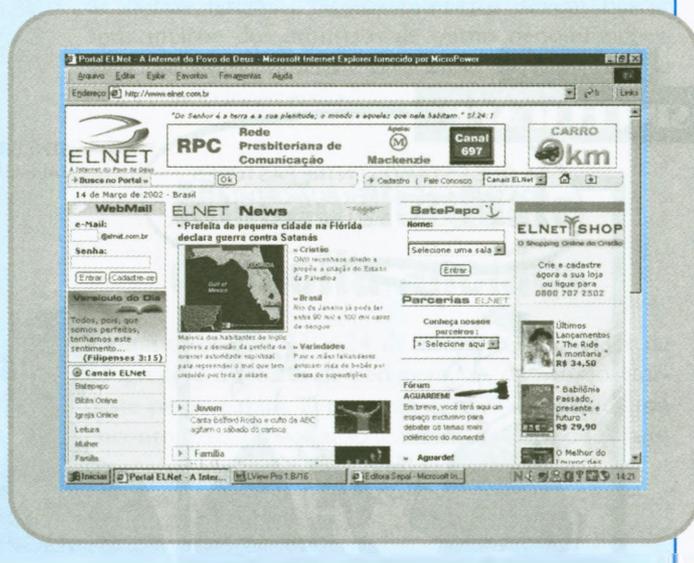
DANDO A VOLTA POR CIMA –

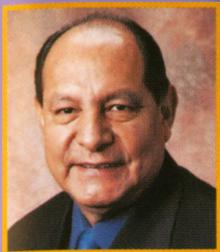
John C. Maxwell, Editora Mundo Cristão, Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, CEP 04810-020 São Paulo, SP; Tel. 0800-115074; 236 páginas.

Neste livro, o autor mostra como devemos reagir diante do fracasso. Segundo ele, o que diferencia as pessoas comuns dos grandes empreendedores é justamente a percepção e a reação diante das derrotas. Portanto, o principal objetivo de Maxwell é preparar o leitor para o fracasso, pois só assim ele será capaz de dar a volta por cima e alcançar êxito.

VEJA NA INTERNET – www.elnet.com.br

Esse é um portal evangélico em português. Está dividido em vários canais: Bíblia online, Igreja online, Leitura, Mulher, Estudos, News, Jovem. E cada um desses se subdivide em seções. De todos, o Canal Estudos é o mais interessante, pois apresenta milhares de textos, alguns com boa profundidade e outros bem atuais. No caso desse canal, as seções são: Consagração, Devocional, Doutrinários, Ético-pastorais, Evangelísticos, Família, Igreja, Louvor/Adoração, Missões, Religiões, Teológicos. Também há bom material nos canais Leitura e News (notícias geralmente relacionadas com religião). – Márcio Dias Guarda, editor de mídia digital da Casa Publicadora Brasileira.





Divulgação

A recompensa das lágrimas

ALEJANDRO BULLÓN

*Secretário ministerial
da Divisão Sul-Americana*

São exatamente 10h40 da manhã do dia em que escrevo esta matéria. Estou fazendo isso, antes de viajar para duas grandes campanhas evangelísticas de colheita no Equador e no Peru. Hoje, aqui em Brasília, o dia está muito bonito. O sol brilha e a brisa agita as folhas da palmeira que cresce diante da janela do meu escritório na Divisão Sul-Americana. Acabamos de ter uma abençoada reunião de oração – a Sra. Evelyn Nagel, Pastor Jonas Arrais, sua esposa Raquel e eu nos ajoelhamos e oramos em favor dos pastores e respectivas esposas de toda América do Sul. Como você sabe, formamos a equipe ministerial da Divisão.

Nossa reunião não teve nada relacionado com detalhes de trabalho. Apenas e simplesmente oramos por você. E isso não é trabalho. É somente uma expressão do amor que sentimos no coração.

Às vezes, você pode até pensar que, lá no final da linha, trabalhando em um distrito afastado ou numa igreja urbana de alguma

grande metrópole, ninguém se lembra de você. Mas nos lembramos, sim. Sabemos das lutas que todos os dias você enfrenta com o inimigo das almas. E quero lhe afirmar que mais do que nós aqui na Associação Ministerial, existem olhos divinos vigiando cada um de seus passos.

O Salmo 126 sempre foi uma inspiração para mim, quando, pelas circunstâncias que a vida nos impõe, tive que enfrentar horas terríveis ao longo do

meu ministério. Esse salmo celebra o retorno de Israel do cativeiro babilônico. A libertação do povo de Deus era uma grande notícia para ser dada e, no entanto, a incredulidade do povo fazia sofrer o coração do mensageiro. Quer dizer, anunciar as boas novas de nosso retorno ao lar nem sempre é uma notícia alegre que produz alegria. Muitas vezes é uma grande notícia que provoca lágrimas do mensageiro. É então que surge a promessa divina: “os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão” (Sal. 126:5).

Quantas lágrimas envolvem o ministério de um pastor? Quem compreende o que você sente no coração ao



Imagem sobre foto de William A.F.C.

confrontar-se com o peso da responsabilidade de conduzir o povo de volta à casa do Pai? Lágrimas de súplica, nas horas silenciosas da noite, ao entender-se completamente humano, embora as pessoas às vezes o enxerguem como um semideus, incapaz de cair. Súplicas intensas para que Deus conserve sua natureza pecaminosa submissa ao controle do Espírito Santo.

Lágrimas de intercessão em favor de sua igreja. Casos que você conhece,

vidas destruídas pelo pecado que o procuram em busca de ajuda. Episódios dramáticos diante dos quais você se sente impotente e, no entanto, precisa fazer algo.

Lágrimas de incompreensão porque você é o líder; e um líder nunca pode mostrar fraqueza, embora esteja sangrando por dentro. Incompreensão porque vivemos num mundo onde o líder existe para ser questionado, criticado e, muitas vezes, apedrejado. Mas você deve permanecer em silêncio, porque essa é a sua missão.

Lágrimas de frustração porque você prega, ensina, capacita, gasta horas de intenso trabalho, dando prioridade ao que é prioritário e, ao voltar os olhos para trás, vê que os anos se passaram e deixaram a impressão de que nada mudou. Por tudo isso e muito mais, vai “andando e chorando enquanto semeia”, mas respaldado pela promessa de que “voltará com júbilo, trazendo os seus feixes” (v. 6).

A colheita, para o ministro, é a hora do júbilo e da alegria. Mas não existe colheita sem sementeira; e semear envolve esforço, suor, sacrifício e lágrimas. Lágrimas que molham o chão da história e que brotam da terra em vidas transformadas. Feixes maravilhosos de trigo

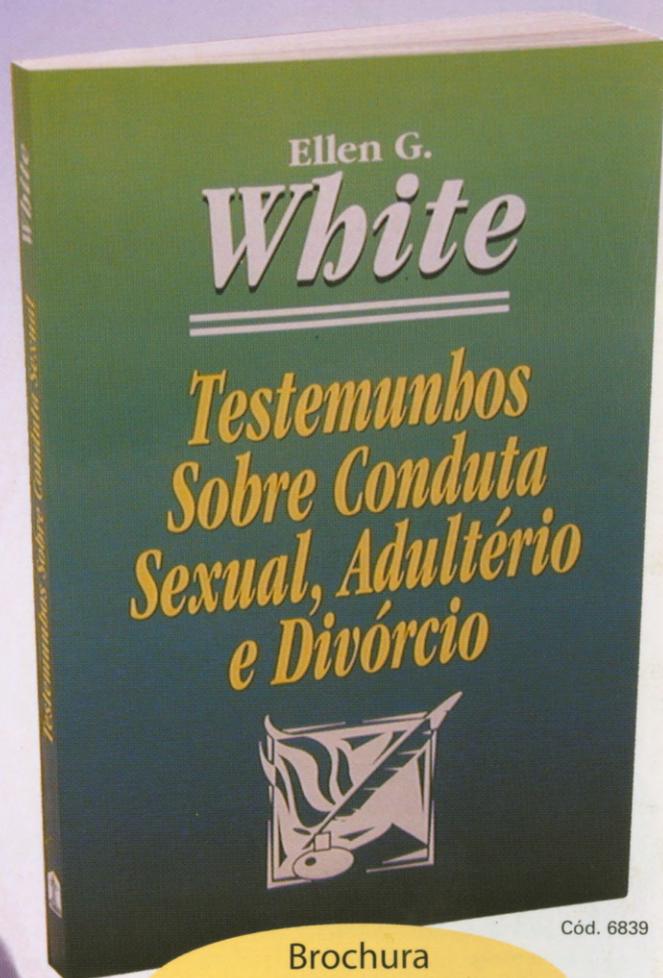
para a glória de Deus.

Agora, já é quase meio-dia. A matéria está quase pronta. Fecho os olhos e imagino você, pastor, vaso de barro, ser humano de carne e osso, escolhido por Deus para preparar um povo para a volta de Cristo. Tento imaginar suas lutas, dificuldades, lágrimas, e agradeço a Deus porque você e sua família colocaram a vida nas mãos divinas, para serem usados por Ele com poder.



Se há dúvidas, busque a luz divina!

O livro *Testemunhos Sobre Conduta Sexual, Adulterio e Divórcio* não é um manual de normas morais. Trata-se de uma compilação de cartas e textos de Ellen White e traz uma luz indispensável sobre conduta sexual, adultério e divórcio. Sua leitura vai mostrar que as advertências e os apelos feitos à Igreja, há mais de um século, se fazem muito necessários hoje em dia e precisam ser ouvidos pelos filhos de Deus.



Cód. 6839

Brochura
Formato: 13,7 x 20 cm
272 páginas